

P.C. CAST + KRISTIN CAST



despertada

UM ROMANCE DA CASA DA NOITE

Tradução de Susana Serrão

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina



Eu e a Kristin gostaríamos de dedicar este livro aos adolescentes que se entendam pertencentes ao grupo Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgénero. Não é o género que os define, mas sim o espírito. Tudo há de correr melhor. Adoramo-los a todos. Digam "eles" o que disserem, a vida é amor, sempre amor.



AGRADECIMENTOS

Como sempre, queremos agradecer à nossa família da St. Martin's Press; é ótimo poder dizer com toda a sinceridade que adoramos e respeitamos a nossa editora!

Adoramos a nossa agente, Meredith Bernstein, sem a qual a Casa da Noite não poderia existir.

Obrigada aos nossos fãs, os mais inteligentes e mais fixes, os Melhores Leitores do Universo!

Um agradecimento especial aos apoiantes da nossa terra que fizeram da Visita à Casa da Noite de Tulsa um belíssimo entretenimento.

Adoramos Stephen Schwartz por nos deixar usar a letra da sua canção mágica (O Jack também te adora, Stephen!).

P.S. Ao Joshua Dean de Phyllis: Obrigada pelas citações. Hihihhis!



despertada



PRIMEIRO CAPÍTULO

Neferet

Neferet acordou com uma sensação de desassossego muito irritante. Antes de ter verdadeiramente saído desse lugar amorfo entre o sonho e a realidade, abriu os dedos longos e elegantes e tocou em Kalona. O braço que sentiu era musculado. A pele era lisa e forte e agradável ao toque. Bastava aquela carícia como uma pluma. Ele despertou e virou-se para ela, ávido.

— Minha Deusa? — a voz estava rouca de sono e dos princípios de um desejo renovado.

Ele aborrecia-a.

Todos a aborreciam porque nenhum deles era *ele*.

— Deixa-me... Kronos — Neferet teve de procurar na sua memória o nome dele, ridículo, sobremaneira ambicioso.

— Deusa, fiz algo que te desagradasse?

Neferet olhou para ele. O jovem Guerreiro Filho de Erebus estava reclinado na cama a seu lado, o rosto bonito aberto, o semblante predisposto, os olhos cor de água marinha espantosos no lusco-fusco do quarto alumado por velas, espantosos como lhe tinham parecido ao princípio do dia quando ela o vira a treinar no pátio do castelo. Ele despertara-lhe desejo nessa altura e, com um olhar convidativo dela, juntara-se-lhe no quarto e tentara provar, espúria, mas entusiasticamente, que era um deus em mais do que somente no nome.

O problema era que Neferet já se tinha deitado com um imortal, e assim sabia demasiado intimamente o impostor que aquele Kronos era na verdade.

— Respirar — respondeu Neferet, e fitou aqueles olhos azuis com um olhar entediado.

— Respirar, Deusa? — a testa dele, enfeitada com uma tatuagem que pretendia representar armas de bola e clava, mas que, a Neferet, mais parecia o fogo-de-artifício tolo de 4 de julho, franziu-se de perplexidade.

— Perguntaste o que fizeste para me desagradar e eu respondi-te: respirar. E demasiado próximo de mim. *Isso* desagrada-me. É tempo de saíres da minha cama — Neferet suspirou e estalou os dedos para o despachar.

— Vai. Agora.

Quase se riu alto da expressão que ele fez, de mágoa e choque indiferecidos.

Teria o jovem pensado mesmo que podia substituir o seu divino Consorte? A impertinência da ideia acicatou a raiva de Neferet.

Nos cantos da alcova de Neferet, as sombras dentro de sombras tremiam de expectativa. Embora não lhes desse conhecimento disso, ela sentia-as mexer. E agradava-lhe.

— Kronos, foste uma distração e, por breves momentos, deste-me algum prazer — Neferet tocou-lhe outra vez, mas com menos gentileza, e as suas unhas deixaram marcas iguais na grossura do braço dele. O jovem guerreiro não acusou esse toque nem se afastou. Antes pelo contrário, tremeu com o contacto dela e a respiração adensou-se. Neferet sorriu. Soubera que aquele precisava de dor para sentir prazer no instante em que ele olhara para ela.

— Dar-te-ia mais prazer, se mo permitisses — disse ele.

Neferet sorriu. A língua saiu-lhe da boca e lambeu os próprios lábios, a vê-lo olhar para ela.

— Talvez no futuro. Talvez. Por agora, só exijo de ti que me deixes e, claro, que continues a venerar-me.

— Se ao menos pudesse mostrar-te o quanto anseio por te venerar *outra vez* — as últimas palavras foram ditas numa carícia verbal e — erradamente — Kronos estendeu a mão para lhe tocar.

Como se fosse correto tocar-lhe.

Como se a vontade dela estivesse sujeita às necessidades e aos desejos dele.

Um pequeno eco do passado distante de Neferet — de um tempo que ela pensara ter enterrado junto com a sua humanidade — libertou-se das recordações sepultadas. Neferet sentiu as mãos do pai e até lhe cheirou ao fedor do seu hálito azedo do álcool quando a sua infância lhe invadiu o tempo presente.

desperjada

A reação de Neferet foi instantânea. Com a mesma facilidade com que respirava, tirou a mão do braço do guerreiro e ergueu-a, com a palma para a frente, virada para a sombra mais próxima que espreitava nos cantos da alcova.

A Escuridão respondeu ao toque dela ainda com mais rapidez do que Kronos. Neferet sentiu aquele arrepio mortal e deleitou-se com a sensação, especialmente por banir as recordações insistentes. Com um gesto de descaso, espalhou a Escuridão em cima de Kronos e disse:

— Se é a dor que tanto desejas, aqui tens o frio do meu fogo.

A Escuridão que Neferet lançou a Kronos penetrou na sua pele lisa com avidez, abriu riscos escarlates no antebraço que ela ainda há pouco acariciara.

Ele gemeu, mas já era mais de medo do que de paixão.

— Agora, faz o que te ordeno. Deixa-me. E não te esqueças, jovem guerreiro, uma deusa escolhe quando e onde e como quer ser tocada. Não queiras escolher tu mais nenhuma vez.

Agarrado ao braço que sangrava, Kronos fez uma vénia pronunciada a Neferet.

— Sim, minha Deusa.

— Qual deusa? Sê específico, Guerreiro! Não pretendo ser tratado por títulos ambíguos.

A resposta dele foi instantânea.

— Incarnação de Nyx. É esse o teu título, minha Deusa.

O olhar de censura dela suavizou-se. O rosto de Neferet descontraíu-se na máscara de beleza e empatia que ela envergava habitualmente.

— Muito bem, Kronos. Muito bem. Vês como é fácil agradar-me?

Apanhado no olhar esmeralda dela, Kronos assentiu uma vez, depois levou a mão direita com o punho fechado ao coração e disse:

— Sim, minha Deusa, minha Nyx — e saiu reverentemente às arre-cuas do quarto dela.

Neferet tornou a sorrir. Não importava nada que ela não fosse verdadeiramente a Incarnação de Nyx. A verdade era que Neferet não estava interessada em fazer o papel de uma deusa incarnada.

— Isso significa que sou menos do que uma deusa — disse ela às sombras que a rodeavam. O importante era o poder — e se o título de Incarnação de Nyx a ajudasse na aquisição desse poder, especialmente junto dos Guerreiros Filhos de Erebus, tanto melhor, exigiria ser tratada por esse título.

— Mas eu aspiro a mais, muito mais, do que ficar na sombra de uma deusa.

Não tardaria a estar preparada para dar o passo seguinte, e Neferet sabia que alguns dos Filhos de Erebus poderiam ser manipulados para ficarem do lado dela. Não o suficiente para travar batalha com a força física, mas o bastante para fragmentar o moral dos Guerreiros lançando irmão contra irmão. *Homens*, pensou ela desdenhosamente, *facilmente enganados pelas máscaras da beleza e do título, e assim facilmente usados em meu proveito.*

Era uma ideia agradável, mas não distraía Neferet o bastante para ficar na cama, e ela levantou-se inquieta. Enrolou-se num roupão de seda translúcida e saiu da alcova para o corredor. Antes mesmo de pensar no que fazia, já se dirigia à escada que a levaria às entranhas do castelo.

Sombras dentro de sombras flutuaram atrás de Neferet, ímanes negros atraídos pela agitação crescente que ela sentia. Neferet sabia que se moviam com ela. Sabia que eram perigosas e que se alimentavam da sua inquietude, da sua raiva, da sua mente errante. Estranhamente, Neferet encontrava algum conforto na presença delas.

Só parou uma vez nesta descida. *Porque é que vou ter com ele outra vez? Porque é que deixo que ele invada os meus pensamentos esta noite?* Neferet abanou a cabeça, como que a sacudir as palavras silenciosas e falou para a escada estreita e vazia, dirigindo-se à Escuridão que pairava atenta à sua volta.

— Vou porque é isso que desejo fazer. Kalona é o meu Consorte. Foi ferido a servir-me. É natural que eu pense nele.

Com um sorriso satisfeito, Neferet continuou a descer a escada sinuosa e facilmente reprimiu a verdade: que Kalona fora ferido porque ela o emboscara, e o serviço que ele lhe prestara fora forçado.

Neferet chegou à masmorra, escavada séculos antes na terra rochosa que compunha a Ilha de Capri ao nível mais baixo do castelo, e avançou silenciosamente pelo corredor alumiado por archotes. O Guerreiro Filho de Erebus que montava guarda à cela gradeada não conseguiu reprimir a admiração. O sorriso de Neferet expandiu-se. O ar chocado dele, amedrontado, indicava-lhe que ela estava cada vez melhor a parecer que se materializava do nada, entre as sombras e a noite. Neferet sentiu-se mais animada, mas não a ponto de moderar o tom cruel com que deu ordens ao Guerreiro.

— Deixa-nos. Quero ficar a sós com o meu Consorte.

O Filho de Erebus hesitou apenas um momento, mas essa pausa foi o bastante para que Neferet promettesse a si mesma não se esquecer de tratar, nos dias que se seguiriam, da recondução desse Guerreiro de vol-

desperçada

ta a Veneza. Talvez devido a uma emergência com alguém que lhe fosse próximo...

— Sacerdotisa, deixo-te com privacidade, mas fica sabendo que estou à distância de um chamado e que virei logo se de mim precisares — sem a encarar, o Guerreiro levou a mão fechada ao coração e fez uma vénia — embora não chegasse para agradar a Neferet.

Esta ficou a vê-lo descer o corredor estreito.

— Sim — sussurrou ela para as sombras. — Sinto que vai acontecer algo bastante infeliz à companhia dele.

Neferet alisou a seda do roupão e virou-se para a porta de madeira trancada. Depois, inalou fundo o ar húmido da masmorra e tirou o cabelo farto e arruivado da cara, como que a preparar a sua beleza para a batalha.

Neferet fez um gesto com a mão e a porta abriu-se sozinha. Neferet entrou na cela.

Kalona jazia no chão nu de terra batida. Ela quisera fazer-lhe uma cama, mas a discrição levava a melhor. Não era que estivesse a fazer dele prisioneiro, tratava-se simplesmente de bom senso. Ele tinha de concluir a missão que ela lhe dera — e isso era o melhor para ele. Se o corpo dele recobrasse grande parte da sua força imortal, seria uma distração para Kalona, e uma distração infeliz. Especialmente, tendo ele jurado agir como uma espada para ela no Outro Mundo e livrar-se do estorvo que Zoey Redbird criara para eles dois neste tempo e nesta realidade.

Neferet aproximou-se do corpo dele. O seu Consorte jazia de costas, nu, apenas com as asas cor de ónix a cobri-lo como um véu. Neferet ajoelhou-se graciosamente e depois reclinou-se, de frente para ele, na espessa pele de animal que mandara colocar ao lado dele para sua conveniência.

Neferet suspirou, e tocou na face de Kalona.

A carne dele estava fria, como sempre, mas inerte. Não mostrou reação à presença dela.

— Porque é que demoras tanto, meu amor? Não podias ter-te livrado já de uma única criança aborrecida?

Neferet acariciou-o outra vez, e desta feita deixou a mão descer pela curva do pescoço, pelo peito, até chegar e parar nas ondulações que definiam os músculos do abdómen e da cintura.

— Lembra-te da tua jura e cumpre-a para que eu possa abrir-te os braços e a cama outra vez. Pelo sangue e pela Escuridão, juraste impedir Zoey Redbird de voltar ao seu corpo, destruindo-a assim para que eu possa governar este mundo moderno e mágico — Neferet acariciou a cintura fina do imortal caído outra vez, a sorrir de si para consigo.

— Ah, e claro que estarás a meu lado nessa governação.

Invisíveis aos olhos dos tolos Filhos de Erebus que se presumia serem espíões do Alto Conselho dos Vampyros, os fios pretos como aranhas que mantinham Kalona preso à terra tremeram e mexeram-se, roçaram os tentáculos gélidos na mão de Neferet. Momentaneamente distraída por essa frescura atrativa, Neferet abriu a palma da mão à Escuridão e deixou-a enrolar-se no seu pulso, cortar-lhe a carne muito ao de leve — não a ponto de causar uma dor insuportável — apenas o tempo de saciar a sua infindável sede de sangue.

Lembra-te da jura que fizeste...

As palavras adejaram em redor dela como o vento do inverno nos ramos despojados das árvores.

Neferet franziu o sobrolho. Não precisava de que lhe lembrassem. Claro que ela sabia bem da sua jura. Para que a Escuridão fizesse o que ela pedia — prender o corpo de Kalona e obrigar a sua alma a ir ao Outro Mundo —, ela aceitara sacrificar a vida de um inocente que a Escuridão ainda não tivesse conseguido macular.

A jura mantém-se. A promessa permanece, mesmo que Kalona fracasse, Tsi Sgili...

As palavras sussurraram novamente em redor dela.

— Kalona não vai fracassar! — exclamou Neferet, completamente furibunda ao ver que até a Escuridão se atrevia a repreendê-la.

— Se fracassar, liguei o seu espírito ao meu de modo que possa mandar nele enquanto for imortal, até no fracasso haverá vitória minha, mas ele não vai fracassar — Neferet repetiu as palavras lenta e distintamente e foi recuperando o domínio do seu feitio cada vez mais volúvel.

A Escuridão lambeu-lhe a palma da mão. A dor, por mais leve que fosse, agradava-lhe, e ela contemplou as gavinhas com ternura, como se não passassem de gatinhos ávidos pela atenção dela.

— Queridos, tenham paciência. A demanda dele não foi concluída. O meu Kalona ainda é só um invólucro. Resta-me depreender que a Zoey esteja a definhar no Outro Mundo — não está completamente viva nem está, infelizmente, já morta.

As gavinhas que lhe retinham o pulso tremeram e, por instantes, Neferet achou ter ouvido gargalhadas escarninhas à distância.

Porém, não tinha tempo para ponderar as implicações de tal ruído — se era real ou apenas um elemento do expansivo mundo da Escuridão e do poder que consumia cada vez mais aquilo que ela outrora conhecia como realidade — porque nesse instante o corpo amarrado de Kalona agitou-se espasmodicamente e ele respirou fundo e estertorosamente.

desperçada

Ela olhou logo para a cara dele e assim viu o horror dos olhos que se abriam, que não eram mais do que órbitas ensanguentadas e vazias.

— Kalona! Meu amor! — Neferet estava de joelhos, dobrada sobre ele, as mãos pairavam sobre o seu rosto.

A Escuridão que lhe estivera a acariciar os pulsos latejou com um assomo súbito de poder e fê-la encolher-se, antes de sair do corpo dela e se juntar a uma miríade de tentáculos pegajosos, como uma teia, que pairavam e pulsavam no teto de pedra da masmorra.

Antes que Neferet pudesse formular uma ordem para chamar um tentáculo a si — para exigir explicação quanto à bizzarria desse comportamento — explodiu do teto um clarão de luz, tão brilhante e resplandecente que ela teve de escudar os olhos.

A teia de Escuridão apanhou-o, cortou a luz com acutilância inumana e capturou-a.

Kalona abriu a boca num grito mudo.

— O que se passa? Exijo saber o que se passa! — gritou Neferet.

O teu Consorte voltou, Tsi Sgili.

Neferet ficou a ver o globo de luz presa arrancado do ar e, com um silvo medonho, a Escuridão mergulhou a alma de Kalona pelas órbitas do crânio e de volta ao corpo.

O imortal alado contorceu-se de dor, levou as mãos ao rosto e começou a arquejar irregularmente.

— Kalona! Meu Consorte! — tal como teria feito quando era jovem curandeira, Neferet mexeu-se ato contínuo. Levou as palmas das mãos às de Kalona, centrou-se e disse:

— Acalma-o... Tira-lhe a dor... Faz com que a sua agonia seja como um Sol rubro a pôr-se no horizonte — desaparecido após um rasgão momentâneo no céu noturno e expectante.

Os tremores que assolavam o corpo de Kalona começaram a amainar quase imediatamente. O imortal alado respirou fundo. Embora as mãos lhe tremessem, agarrou bem as de Neferet e libertou assim o rosto. Depois, abriu os olhos. Eram da cor ambarina e intensa do uísque, límpidos e coerentes. Era inteiramente ele mesmo outra vez.

— Voltaste para mim! — por momentos, Neferet sentiu-se tão aliviada por ele estar desperto e consciente que quase chorava.

— A tua missão está concluída — Neferet afugentou os tentáculos que se agarravam teimosamente ao corpo de Kalona, de má cara por lhe parecerem relutantes em abdicar do domínio sobre o seu amante.

— Tira-me da terra — a voz dele estava rouca, como que ferrugenta, mas as palavras eram lúcidas.

— Para o céu. Preciso de ver o céu.

— Sim, com certeza, meu amor — Neferet apontou para a porta e esta reabriu-se.

— Guerreiro! O meu Consorte despertou. Ajuda-o a chegar ao telhado do castelo!

O Filho de Erebus que a irritara ainda há pouco obedeceu-lhe sem refilar, embora Neferet o tivesse achado chocado com a reanimação súbita de Kalona.

Espera só até saberes a história toda. Neferet lançou-lhe um sorrisinho sobranceiro. *Não tarda a que tu e os outros Guerreiros só recebam ordens minhas — sob pena de morte.* Neferet acarinhava a ideia enquanto saía com os dois homens das entranhas da terra da antiga fortaleza de Capri, cada vez mais para cima até emergirem da longa extensão de degraus de pedra e chegarem ao pináculo.

Passava da meia-noite. A Lua pairava no horizonte, amarela e pesada, mas ainda não cheia.

— Ajuda-o a subir para o banco e depois deixa-nos — mandou Neferet, apontando para o banco de mármore ricamente esculpido que ficava perto da beira do telhado do castelo, e que dava uma vista verdadeiramente magnífica sobre o Mediterrâneo cintilante. Porém, a beleza circundante não interessava a Neferet. Despachou o Guerreiro com um gesto da mão, esqueceu-se logo dele, embora soubesse que ele ia avisar o Alto Conselho dos Vampyros de que a alma do seu Consorte voltara ao corpo dele.

Não importava agora. Lidaria com isso mais tarde.

Agora, só duas coisas importavam: Kalona voltara para ela, e Zoey Redbird estava morta.

desperçada



SEGUNDO CAPÍTULO

Neferet

Fala comigo. Conta-me tudo devagar e com clareza. Quero saborear cada palavra — Neferet acercou-se de Kalona, ajoelhou-se diante dele, acariciou as asas macias e negras que se abriram em redor do imortal quando este se sentou no banco, o rosto virado para o céu da noite, o corpo de bronze banhado pelo brilho dourado da Lua. Neferet tentou não tremer com a expectativa do toque dele — do regresso da sua paixão fria, do seu calor gelado.

— O que pretendes que diga? — ele não a encarou. Abriu o rosto para o céu como se pudesse beber o firmamento acima deles.

A pergunta dele apanhou-a desprevenida. O desejo soçobrou e ela deixou de lhe acariciar as asas.

— Pretendo que me contes os pormenores da nossa vitória para que eu possa saborear a narrativa contigo — Neferet falava devagar, a pensar que talvez o cérebro dele ainda estivesse algo transtornado com a deslocação recente da sua alma.

— A *nossa* vitória? — retrucou ele.

Neferet semicerrou os olhos muito verdes.

— Deveras. Tu és meu Consorte. A tua vitória é minha, como a minha é tua.

— A tua bondade é quase divina. Transformaste-te numa deusa na minha ausência?

Neferet observou-o atentamente. Ainda não a fitava; a voz quase carecia de expressão. Estaria a ser impertinente? Neferet descartou a pergunta dele, embora continuasse a observá-lo com toda a atenção.

— O que aconteceu no Outro Mundo? Como é que a Zoey morreu?

Ela soube o que ele ia dizer no instante em que os seus olhos ambarinos encontraram finalmente os dela embora, num gesto infantil, Neferet tenha tapado aos ouvidos e começado a abanar a cabeça quando ele disse as palavras que eram como uma espada na alma dela.

— Zoey Redbird não morreu.

Neferet pôs-se de pé e obrigou-se a tirar as mãos dos ouvidos. Deu vários passos para longe de Kalona, olhou sem ver para a liquidez azul-safira do mar noturno. Respirou devagar, com cuidado, tentando controlar as emoções que fervilhavam nela. Quando finalmente entendeu que conseguiria falar sem guinchar de raiva para o céu, perguntou:

— Porquê? Porque é que não concluíste a tua demanda?

— A demanda era tua, Neferet. Não era minha. Obrigaste-me a voltar a um reino de onde fui banido. O que aconteceu era de prever: os amigos de Zoey protegeram-na. Com o auxílio deles, ela sarou a sua alma estilhaçada e encontrou-se outra vez.

— Porque é que não impediste que tal acontecesse? — a voz de Neferet estava gelada. Nem sequer olhava para ele.

— Nyx.

Neferet ouviu o nome sair dos lábios dele como se fosse uma prece — devagar, baixinho, com reverência. O ciúme espicçou-a.

— O que tem a deusa? — Neferet quase cuspiu a pergunta.

— Ela interveio.

— Ela o quê? — Neferet girou nos calcanhares. A descrença mesclada de medo toldava-lhe as palavras, incrédulas.

— Esperas que eu acredite que Nyx interferiu realmente com o livre arbítrio dos mortais?

— Não — respondeu Kalona, novamente em voz cansada. — Ela não interferiu, ela interveio, e só depois de a Zoey já se ter sarado. Nyx abençoou-a por isso. Essa bênção fez parte da salvação dela e do seu Guerreiro.

— A Zoey está viva — A voz de Neferet era cava, fria, inerte.

— Está.

— Então, deves-me a subserviência da tua alma imortal — Neferet começou a afastar-se dele, rumo à saída do telhado.

— Aonde vais? O que acontecerá agora?

Desagradada pelo que entendia ser debilidade na voz dele, Neferet virou-se. Endireitou-se orgulhosamente e esticou os braços para que os fios pegajosos que pulsavam em redor dela pudessem roçar-lhe na pele livremente, como uma carícia.

desperçada

— O que acontecerá agora? É deveras simples. Eu vou garantir que a Zoey é atraída de volta ao Oklahoma. Será lá, nas minhas próprias condições, que vou concluir a missão em que fracassaste.

O imortal perguntou, já Neferet virara costas:

— E o que será de mim?

Neferet parou e olhou para trás.

— Tu voltarás a Tulsa também, em separado. Preciso de ti, mas não podes ser visto comigo em público. Estás esquecido, meu amor, de que agora és um assassino? A morte de Heath Luck foi obra tua.

— Obra *nossa* — corrigiu ele.

Ela fez um sorriso como seda.

— Segundo o Alto Conselho dos Vampyros, não — Neferet fitou-o.

— Eis o que vai acontecer: preciso que recobres rapidamente as forças. Amanhã, ao fim do dia, terei de informar o Alto Conselho de que a tua alma voltou ao corpo e de que me confessaste ter matado o rapaz humano porque entendias que o ódio dele por mim era uma ameaça. Direi ao conselho que, como acreditavas estar a proteger-me, fui misericordiosa no castigo que te dei. Só te mandei flagelar cem vezes e depois bani-te da minha companhia durante um século.

Kalona tentou sentar-se. Neferet ficou contente por ver um lampejo de raiva nos olhos dele.

— Esperas poder passar sem mim durante um século?

— Claro que não. Vou permitir graciosamente que voltes à minha companhia depois de as tuas feridas sararem. Até então, terei a tua companhia na mesma; terá de ser apenas longe dos olhares inquiridores do público.

Ele ergueu o sobrolho. Ela achou-o arrogante, mesmo enfraquecido e derrotado.

— Quanto tempo esperas que me esconda nas sombras, a fingir sarar feridas que não existem?

— Espero que estejas longe de mim até as tuas feridas sararem *deveras* — com um gesto rápido e exato, Neferet levou o pulso à boca e mordeu fundo, o que causou imediatamente um círculo de sangue. Depois, começou a fazer um movimento circular com o braço levantado, a varar o ar enquanto os fios pegajosos da Escuridão se enrolavam avidamente no seu pulso, agarrando-se ao sangue como sanguessugas. Neferet rangeu os dentes, obrigou-se a não vacilar, mesmo quando os tentáculos aguçados a cortaram uma e outra vez. Quando já lhe pareciam inchados, Neferet falou baixinho e amorosamente para eles:

— Já têm a vossa paga. Agora, têm de me fazer a vontade.

Neferet desviou os olhos daquelas gavinhas latejantes e mirou o seu amante imortal.

— Cortem-no fundo. Uma centena de vezes.

Neferet atirou a Escuridão contra Kalona.

O imortal enfraquecido só teve tempo de abrir as asas e começar a chegar-se à beira do telhado. Os tentáculos cortantes apanharam-no a meio caminho. Enrolaram-se nas asas mesmo no ponto sensível onde estas se fundiam na espinha. Em vez de saltar do telhado, ele ficou preso, fixo na pedra antiga da balaustrada enquanto a Escuridão começava a abrir sulcos, lenta e metodicamente, nas suas costas nuas.

Neferet ficou a ver apenas até que a belíssima cabeça dele soçobrou derrotada e o corpo entrou em convulsões com cada corte.

— Não o vinquem em permanência. Tenciono desfrutar da beleza da sua pele novamente — disse ela, e virou costas a Kalona e saiu com determinação do telhado já ensopado em sangue.

— Parece que tenho de fazer tudo sozinha e há tanto que fazer... tanto que fazer... — sussurrou ela para a Escuridão que ondulava nos seus tornozelos.

Nas sombras dentro de sombras, Neferet achou ter vislumbrado a silhueta de um touro enorme a olhá-la com aprovação e prazer.

Neferet sorriu.

desperçada



TERCEIRO CAPÍTULO

Zoey

Pela enésima vez, pensei no sítio espantoso que era a sala do trono de Sgiach. Ela era uma antiga rainha vampyra, a Grande Conquistadora de Cabeças, superpoderosa e rodeada pelos seus Guerreiros pessoais a quem chama Guardiães. Raios me partam, na pré-história ela até enfrentou o Alto Conselho dos Vampyros e ganhou, mas o castelo dela não era nenhuma versão fedorenta de fossas a céu aberto de um parque de campismo medieval (nojo). O castelo de Sgiach era uma fortaleza, mas também — com dizem aqui na Escócia — um esplêndido castelo. Juro que a vista de qualquer das janelas viradas para o mar, mas especialmente da sala do trono, é tão incrível que mais parece televisão de alta definição e não a vida real diante dos meus olhos.

— Isto é lindo aqui — Pronto, a falar sozinha —, especialmente tão cedo depois de estar, bem, tipo *maluca* no Outro Mundo — pode não ser nada boa ideia. Suspirei e encolhi os ombros. — Não interessa. Sem *Nala* aqui, o Stark apagado, Afrodite a fazer coisas que prefiro não imaginar com o Dário, e Sgiach a fazer qualquer coisa mágica ou a dar abadas no treino de super-heróis com o Seoras, falar sozinha parece-me a única alternativa.

— Estava só a ver o correio eletrónico — nada de magia nem dar abadas.

Calculo que me deveria ter assustado. Quer dizer, a rainha parecia materializar-se no ar a meu lado, mas acho que ter estado estilhaçada e maluca no Outro Mundo me deu grande resistência aos sustos. Mais, eu sentia uma ligação esquisita a esta rainha vampyra. Pois, era imponente e tinha poderes loucos e tudo, mas nas semanas desde que eu e Stark

voltáramos, ela não saía de perto de mim. Enquanto Afrodite e Dário andavam na beijação e de mãozinha dada na praia, e enquanto Stark só dormia, eu e Sgiach passávamos o tempo juntas. Umás vezes, conversávamos, outras, não. Ela era, decidi isto já há dias, a mulher mais fixe, vampe ou não, que eu jamais conhecera.

— Está a reinar, não? É uma rainha vampyra antiga que mora num castelo numa ilha a que ninguém consegue chegar sem autorização sua, *e anda a ver o correio eletrónico?* A mim, parece-me magia.

Sgiach riu-se.

— A ciência não raro parece mais misteriosa do que a magia, pelo menos sempre pensei assim. O que me faz lembrar — tenho andado a pensar como é estranho que a luz do dia afete o teu Guardião com tal gravidade debilitante.

— Não é só o Stark. Quer dizer, tem sido pior com ele ultimamente porque, enfim, foi ferido — calei-me, a balbuciar e a tentar não admitir o quanto me custava ver o meu Guerreiro e Guardião tão castigado. — Isto não é nada normal para ele. Geralmente, consegue estar consciente durante o dia, mesmo que não suporte a luz solar direta. Todos os vampyros e iniciados vermelhos são assim. O sol dá cabo deles.

— Bem, jovem rainha, poderá ser uma distinta desvantagem que o teu Guardião seja incapaz de te proteger durante as horas do dia.

Encolhi os ombros, embora as palavras dela me fizessem estremecer como se fossem uma premonição.

— Pois sim, recentemente, aprendi a cuidar de mim. Acho que aguento umas horas por dia por minha conta — disse, com uma dureza que até me espantou.

Os olhos verdes ambarinos de Sgiach fixaram os meus.

— Não permitas que isso te deixe empedernida.

— Isso?

— A Escuridão e a luta contra ela.

— Não tenho de ser empedernida para lutar? — lembrei-me de espetar Kalona na parede de uma arena no Outro Mundo com a sua própria lança, e senti um aperto no estômago.

Ela abanou a cabeça e a luz que esmorecia incidiu nas madeixas do seu cabelo de prata, fê-lo brilhar como canela e ouro misturados.

— Não, deves ser forte. Deves ser sensata. Deves conhecer-te a ti mesma e confiar apenas em quem for digno disso. Se permitires que a batalha contra a Escuridão te afete, perderás a perspetiva das coisas.

Afastei o olhar, contemplei as águas azul-acinzentadas que rodeavam a Ilha de Skye. O Sol punha-se no oceano, refletia tons cor-de-rosa

desperçada

e coral no céu que se toldava. Era belíssimo e pacífico e parecia completamente normal. Ali de pé, custava-me imaginar que à solta no mundo havia mal e Escuridão e morte.

Mas a Escuridão estava mesmo lá, provavelmente multiplicada mil vezes. Kalona não me matara, e isso ia mesmo irritar Neferet.

Só de pensar no que isso significava, que eu ia ter de lidar com ela e com Kalona e todo o cocó horrroso que vinha com eles me fez sentir incrivelmente cansada.

Virei costas à janela, endireitei os ombros e encarei Sgiach.

— E se eu não quiser lutar mais? E se eu quiser ficar aqui, pelo menos algum tempo? O Stark não está nele, precisa de descansar e de melhorar. Já mandei esse recado ao Alto Conselho sobre Kalona. Eles sabem que ele matou o Heath e que depois foi atrás de mim, e que a Neferet está metida nisto até à ponta dos cabelos e se aliou à Escuridão. O Alto Conselho pode lidar com a Neferet. Raios parta, os *adultos* é que têm de lidar com ela e a trapalhada maléfica que ela está sempre a fazer nesta vida.

Sgiach não disse nada, e eu respirei fundo e continuei a tagarelar.

— Eu sou só uma miúda. Tenho dezassete anos. Acabados de fazer. Sou uma treta a Geometria. Não sei falar Espanhol. Nem sequer posso votar. Combater o mal não é responsabilidade minha — terminar o ensino secundário e, espera-se, passar a Mudança é que é. A minha alma estilhaçou-se e mataram o meu namorado. Não mereço descanso? Um bocadinho?

Sgiach surpreendeu-me completamente quando sorriu e disse:

— Sim, Zoey, parece-me que mereces.

— Quer dizer que posso cá ficar?

— O tempo que desejares. Sei como é sentir o mundo a carregar sobre nós. Aqui, como disseste, o mundo só entra com autorização minha — e raramente autorizo.

— E a luta contra a Escuridão e o mal e sei lá que mais?

— Há de lá estar quando voltares.

— Ena. A sério?

— A sério. Fica aqui na minha ilha até que a tua alma esteja verdadeiramente repousada e restaurada, e a tua consciência te diga para voltares ao teu mundo e à tua vida.

Não liguei à dorzinha que senti ao ouvir a palavra *consciência*.

— O Stark também pode ficar, não pode?

— Com certeza. Uma rainha tem de ter sempre o Guardião a seu lado.

— Por falar nisso — disse eu logo, contente por mudar de assunto para longe de questões de consciência e luta contra o mal —, há quanto tempo é que o Seoras é seu Guardião?

Os olhos da rainha suavizaram-se e o sorriso dela adoçou-se, ganhou calor, ficou ainda mais belo.

— Seoras tornou-se meu Guardião Juramentado há mais de quinhentos anos.

— C'um caraças! Quinhentos anos? Que idade tem a Sgiach?

Sgiach riu-se.

— Passada certa altura, não te parece que a idade é irrelevante?

— E é falta de educação perguntar a idade a uma senhora.

Mesmo que ele nada dissesse, eu saberia que Seoras entrara na sala. O rosto de Sgiach alterava-se na presença dele. Era como se ele virasse um interruptor que fazia algo suave e quente brilhar dentro dela. E quando ele a olhou também, apenas por momentos, deixou de parecer bruto e castigado das batalhas e de ter ar de quem mais depressa nos dá uma abada do que fala connosco.

A rainha riu-se e tocou no braço do seu Guardião com uma intimidade que me deu esperança de encontrar com Stark nem que fosse um bocadinho do que estes dois tinham entre si. E se ele me chamasse senhora durante quinhentos anos, também não me importava nada.

O Heath ter-me-ia chamado senhora. Bom, seria mais rapariga. Ou talvez apenas Zo — para sempre simplesmente Zo.

Mas o Heath morreria e desaparecera e nunca mais me chamaria coisíssima nenhuma.

— Ele está à tua espera, jovem rainha.

Chocada, olhei para Seoras.

— O Heath?

O olhar do Guerreiro era sábio e compreensivo — a voz amável.

— Pois, o teu Heath há de estar à tua espera algures no futuro, mas é do teu Guardião que estou a falar.

— Stark! Oh, ótimo, está acordado — sei que soava culpada. Não era minha intenção estar sempre a pensar no Heath, mas era difícil. Ele fizera parte da minha vida desde os meus nove anos — e só morreria há umas semanas. Dei um abanão mental a mim própria, fiz uma vénia rápida a Sgiach e avancei para a porta.

— Ele não está no teu quarto — disse Seoras. — O rapaz está perto do pomar. Pediu para lá ires ter com ele.

— Está lá fora? — parei, admirada. Desde que Stark voltara do Outro Mundo, estivera fraco e alheado para poder fazer mais do que comer,

desperçada

dormir e jogar no computador com Seoras, o que era uma coisa digna de se ver — escola misturada com *Braveheart* e com *Call of Duty*.

— Pois, o moço já se deixou de pinturas e já se porta como um Guardião decentezinho.

Pus a mão na anca e olhei para o velho Guerreiro com olhos semi-cerrados.

— Ele quase morreu. Você cortou-o aos bocados. Ele esteve no Outro Mundo. Dê-lhe um descontozinho. Credo.

— Pois sim, ele não morreu mesmo, pois não?

Revirei os olhos.

— Disse que ele está no pomar?

— Pois.

— Na boinha.

Já a sair a porta, a voz de Sgiach seguiu-me.

— Leva aquela echarpe bonita que compraste na vila. A noite está fresca.

Achei estranho Sgiach dizer uma coisa destas. Quer dizer, pois, fazia frio (e geralmente húmido) na Ilha de Skye, mas os iniciados e os vampes não sentem mudanças de temperatura como os humanos. Mas não interessa. Quando uma rainha guerreira nos manda fazer alguma coisa, é melhor fazermos. Portanto, fiz um desvio pelo enorme quarto que dividia com Stark e peguei na echarpe que deixara aos pés da cama de dossel. Era de caxemira cor de creme, com fios de ouro entretecidos, e achei que ficava mais bonita com as cortinas vermelhas do que ao meu pescoço.

Parei um segundo, a olhar para a cama onde dormira com Stark nas últimas semanas. Aninhara-me com ele, dera-lhe a mão, deitara a cabeça no ombro dele enquanto o via dormir. E mais nada. Ele nem sequer tentara arrelhar-me para curtir com ele.

Caraças! Está mesmo ferido!

Até me encolhi mentalmente a recordar a quantidade de vezes que Stark sofrera por minha causa: uma flecha quase o matara quando ele a apontara a mim; tivera de ser todo escortanhado e depois tivera de destruir parte de si para ir ter comigo ao Outro Mundo; fora mortalmente ferido por Kalona porque acreditava ser essa a única maneira de chegar ao que estava estilhaçado dentro de mim.

Mas eu também o salvei, recordei a mim mesma. Stark tivera razão — ao ver Kalona brutalizá-lo, eu tive de me recompor, e por isso Nyx obrigara Kalona a soprar um fio de imortalidade para o corpo de Stark, devolvendo-lhe a vida e pagando a dívida por ter assassinado Heath.

Percorri o castelo belissimamente decorado, a cumprimentar com

acenos de cabeça os Guerreiros que me faziam vénias respeitosas, a pensar em Stark, e estuguei o passo. Mas em que estava ele a pensar, ir para a rua depois do que passara?

Raios, eu não sabia em que estaria ele a pensar. Ele estava diferente desde o nosso regresso.

Bem, claro que ele está diferente, disse severamente de mim para comigo, a sentir-me uma nódoa de deslealdade. O meu Guerreiro fora ao Outro Mundo, morrera, fora ressuscitado por um imortal, e depois arancado de volta a um corpo fraco e ferido.

Mas antes disso. Antes de regressarmos ao mundo real, acontecera alguma coisa entre nós. Algo mudara para nós. Pelo menos, eu assim pensava. Tínhamos estado com muita intimidade no Outro Mundo. Quando ele bebeu do meu sangue foi uma experiência incrível. Foi *mais* do que sexo. Sim, soube muito bem. Muito, muito bem. Sarou-o, fortaleceu-o e — de algum modo — consertou o que ainda estava mal dentro de mim, fez com que as minhas tatuagens voltassem.

E esta nova proximidade com Stark fez com que a perda de Heath seja suportável.

Porque é que me sinto tão deprimida? O que se passa comigo?

Caraças. Sei lá.

Uma mãe sabe. Pensei na minha mãe e senti uma solidão inesperada e terrível. Pois, ela estragara tudo com o novo marido, mas ainda era minha mãe. *Tenho saudades dela*, diz uma vizinha dentro da minha cabeça. Depois, abanei-a. Não. Eu ainda tinha “mãe”. A minha avó era isso e muito mais para mim.

— É da avó que eu tenho saudades — e depois, claro, senti-me culpada porque desde que voltei ainda não lhe liguei. Pronto, está bem, sei que a avó deve sentir que a minha alma voltou — que eu estou a salvo. Ela sempre foi super-intuitiva, especialmente comigo. Mas devia ter-lhe telefonado.

Senti-me mesmo desiludida comigo mesma e triste, comecei a morder o lábio e enrolei-me na echarpe, com as pontas nas duas mãos; saí para a ponte levadiça e o vento frio fustigou-me. Os Guerreiros estavam a acender archotes e cumprimentei os que me fizeram vénias. Tentei não olhar para as caveiras empaladas sinistras que encerravam as chamas. A sério. Caveiras. De gente morta a sério. Bom, são antigas e mirradas e não têm carne nenhuma, mas mesmo assim, é um *nojo*.

Continuei a desviar os olhos cuidadosamente e segui o caminho que passava por cima da zona pantanosa que rodeava o lado do castelo que dava para terra. Quando cheguei ao carreiro, virei à esquerda. O Pomar

Sagrado começava um pouco além do castelo, parecia estender-se a perder de vista do outro lado da estrada. Eu sabia onde ficava, mas não por ter sido carregada, como um cadáver, através dele a caminho de Sgiach. Sabia onde ficava porque, nas últimas semanas, enquanto Stark recuperava, me sentira atraída pelo pomar. Quando não estava com a rainha, com Afrodite, ou a ver de Stark, dera longos passeios lá dentro.

Fazia-me lembrar o Outro Mundo, e o facto de esta recordação me consolar e me arrepiar ao mesmo tempo era um pavor só por si.

Não obstante, eu ia ao Pomar Sagrado ou, como Seoras lhe chamava, *Croabh*, mas sempre de dia. Nunca depois do Sol se pôr. Nunca de noite.

Continuei a descer o carreiro. Os archotes perfilavam-se, a lançarem sombras trémulas na beira do pomar, a refletirem luz suficiente para eu vislumbrar um pouco daquele mundo mágico de musgo dentro da fronteira das árvores intemporais. Parecia diferente sem o sol a fazer uma cobertura viva das ramagens. Já não era um sítio conhecido, e eu senti um arrepio na pele, como se todos os meus sentidos estivessem superalerta.

O meu olhar estava sempre a ser atraído pelas sombras do pomar. Estariam mais negras do que deveriam ser? Haveria algo *que não estava bem* à espreita dentro delas? Estremeci, e foi quando vi pelo canto do olho movimento ao fundo do carreiro. O coração saltitou-me no peito e continuei à espreita, meio à espera de asas e frio, maldade e loucura...

Antes pelo contrário, o que vi pôs-me o coração aos saltos por outras razões.

Stark estava lá, de pé diante das duas árvores todas enroladas até parecerem uma só. Os ramos entrelaçados delas estavam enfeitados com faixas de tecido atadas umas às outras — umas de cores garridas, outras puídas e desbotadas e esfarrapadas. Era a versão mortal da árvore suspensa que estivera diante do Pomar de Nyx no Outro Mundo, mas esta não era menos espetacular só por estar no mundo «real». Especialmente, quando o tipo diante dela, a olhar para os ramos, trajava o kilt cor de terra do Clã MacUallis, à maneira típica dos Guerreiros, com *dirk* e *sporran* e toda a espécie de pormenores em cabedal cheio de tachas giras (como diria o Damien).

Olhei para ele como se não o visse há anos. Stark parecia forte e saudável e completamente perdido de bom. Estava eu distraída a pensar no que é que os Escoceses usariam, ou *não* usariam, debaixo dos kilts quando ele se virou para mim.

O sorriso dele estendia-se até aos olhos.

— Consigo praticamente ouvir-te a pensar.

Senti logo as bochechas a arder especialmente porque Stark tinha mesmo capacidade para detetar as minhas emoções.

— Não é para estares com atenção quando eu não corro perigo.

O sorriso dele fez-se atrevido e os olhos brilharam de malícia.

— Então, não penses tão alto. Mas tens razão. Eu não devia estar com atenção porque aquilo que apanhei de ti foi o contrário daquilo a que eu chamaria perigo.

— Espertalhão — disse eu, mas não pude deixar de sorrir.

— Pois, mas sou o teu espertalhão.

Stark estendeu a mão para mim quando cheguei ao pé dele, e entrelaçámos os dedos. O toque dele era quente — a mão forte e firme. Assim tão perto, vi que ele ainda tinha olheiras, mas não tinha a palidez de morte com que andara naquelas semanas.

— Já és tu outra vez!

— Pois, levou tempo; tenho dormido esquisito — não descanso como deveria, mas hoje foi como se tivessem ligado um interruptor dentro de mim e me tenham finalmente recarregado a bateria.

— Ainda bem. Tenho andado ralada contigo — quando o disse, apercebi-me de que era mesmo verdade, mas balbuciei também: — E também tenho saudades tuas.

Ele apertou-me a mão e puxou-me para si. A brincadeira atrevida desaparecera.

— Eu sei. Tens-te sentido distante e assustada. O que se passa?

Ia dizer-lhe que estava enganado — que eu estava só a dar-lhe espaço para melhorar, mas as palavras que se formaram e me saíram da boca eram mais sinceras.

— Já sofreste muito por minha causa.

— Por *tua* causa, não, Z. Sofri muito porque é isso que a Escuridão faz — tenta destruir aqueles de nós que lutam pela Luz.

— Pois sim, era bom que a Escuridão escolhesse outro qualquer e deixasse de implicar contigo.

Ele deu-me um empurrãozinho com o ombro.

— Eu sabia em que é que me ia meter quando te prestei juramento. Na altura, não me importei — e agora também não me importo — e não me vou importar daqui a cinquenta anos. Z, não me faz parecer nada viril nem Guardiã quando dizes que a Escuridão anda a implicar comigo.

— Ouve lá, estou a falar a sério. Tu queres saber o que se passa comigo, bem, tenho andado ralada que tenhas ficado ferido com demasiada

gravidade desta vez — hesitei, e reprimi lágrimas inesperadas quando finalmente compreendi. — A ponto de não melhorares desta vez. E de me deixares também.

A presença de Heath era tão palpável ali entre nós que eu quase esperava vê-lo sair do meio do pomar e dizer: *Então, Zo, nada de lamechices. Ficas toda ranhosa quando choras.* E claro que esta ideia dificultou ainda mais *não* desatar a chorar baba e ranho.

— Ouve-me tu, Zoey. Eu sou o teu Guardiã. Tu és a minha rainha; é mais do que Sumo-Sacerdotisa, o nosso elo é ainda mais forte do que o de um Guerreiro Juramentado.

Pestanejei com força.

— Isso é bom, porque parece que as coisas más estão sempre a afastar-me de toda a gente de quem eu gosto.

— Não há nada que me afaste de ti, Z, nunca. A jura que fiz foi sobre isso — ele sorriu, e havia tal confiança e segurança e amor nos olhos dele que até sustive a respiração.

— Nunca te hás de ver livre de mim, *mo bann ri*.

— Ótimo — disse eu baixinho, encostei a cabeça ao ombro dele e Stark rodeou-me com um braço.

— Estou fartinha de ficar livre.

Ele deu-me um beijo na testa e murmurou com os lábios na minha pele:

— Pois, eu também.

— Aliás, acho que a verdade é que estou cansada. Ponto final. Também preciso de recarregar baterias — olhei para ele.

— Não te importas que fiquemos cá? Não... Não me quero ir embora e voltar para... para... — hesitei, sem saber bem como verbalizar o que sentia.

— Para tudo, bom e mau. Sei bem o que queres dizer — afirmou o meu Guardiã. — Sgiach não se importa?

— Ela disse que podemos ficar enquanto a minha consciência me deixar — respondi, com um sorriso torto — e neste momento a minha consciência deixa mesmo.

— Parece-me bem. Não tenho pressa nenhuma de voltar ao drama da Neferet, que há de estar à nossa espera.

— Então, ficamos algum tempo?

Stark abraçou-me.

— Ficamos até entenderes que vamos.

Fechei os olhos e deixei-me ficar nos braços de Stark, senti que me tinham tirado um enorme peso de cima. Quando ele perguntou:

— Olha, não te importas de fazer uma coisa comigo?

A minha resposta foi imediata:

— Não, o que quiseres.

Depois, senti-o galhofar.

— Essa resposta dá-me vontade de mudar o que te ia pedir.

— Não era *esse* tipo de coisa — dei-lhe um empurrãozinho, mesmo sentindo uma vaga de alívio por ver finalmente Stark armado em Stark outra vez.

— Não? — o olhar dele passou do meu para a minha boca e, de repente, ele ficou menos atrevido e mais ansioso — num semblante que me fez tremuras no estômago. Depois, Stark dobrou-se e beijou-me, intensa e demoradamente, e deixou-me completamente sem fôlego.

— Tens a certeza de que não te referes *àquele* tipo de coisa? — perguntou ele, numa voz mais rouca e funda.

— Não. Sim.

Ele sorriu.

— Em que ficamos?

— Não sei. Não consigo pensar quando me beijas assim — respondi com sinceridade.

— Então, tenho de te beijar mais assim — disse ele.

— Está bem — sentia-me algo tonta e com as pernas bambas.

— Está bem — repetiu ele. — Mas depois. Agora, vou mostrar-te como sou um Guardião forte e fazer a pergunta original — Stark levou a mão à bolsinha de cabedal que tinha a tiracolo e sacou de uma fita comprida e estreita do tecido MacUallis; depois, ergueu a mão e a fita ficou a adejar na brisa.

— Zoey Redbird, queres unir os teus desejos e sonhos de futuro aos meus e amarrá-los à árvore suspensa?

Só hesitei um segundo — só o tempo de sentir a dor aguda que era a ausência de Heath, a ausência de um elo futuro que nunca poderia acontecer — e depois pestanejei para secar as lágrimas e respondi ao meu Guerreiro Guardião.

— Sim, Stark, quero unir os meus desejos e sonhos de futuro aos teus.

desperçada



QUARTO CAPÍTULO

Zoey

Tenho de fazer *o quê* à minha echarpe de caxemira?

— Rasgar uma tirinha — disse Stark.

— Tens a certeza?

— Tenho, foi Seoras quem me deu as instruções. Isso e um monte de comentários espertalhões sobre a minha falta de educação e qualquer coisa de estar sempre a meter os pés pelas mãos, e também de eu ser um choninhas, e sei lá que mais que não percebi nada.

— Choninhas?

Eu e Stark abanámos a cabeça, completamente de acordo quanto a Seoras e à sua bizzarria.

— Seja como for — continuou Stark —, ele disse que as tiras de tecido têm de vir de uma coisa minha e de uma coisa tua, e que tem de ser especial para os dois — ele sorriu e deu uma puxadela à minha echarpe nova, cara, linda e brilhante.

— Tu gostas muito disto, não gostas?

— Gosto, a ponto de não a querer ver rasgada.

Stark riu-se, tirou o punhal da bainha que tinha à cinta e passou-mo.

— Ótimo, assim atada ao meu kilt fará um nó mais forte entre nós.

— Pois o kilt não te custou oitenta euros, mais de cem dólares, parece-me — resmunguei, mas peguei no punhal.

Em vez de soltar o punhal, Stark hesitou. E fitou-me.

— Tens razão. Não me custou dinheiro. Custou-me sangue.

Deixei cair os ombros.

— Desculpa. Ouve só isto, a queixar-me de dinheiro e de uma echarpe. Raios me partam, que já pareço a Afrodite.

Stark deu a volta ao punhal e a ponta ficou por cima do coração dele.
— Se te transformares em Afrodite, esfaqueio-me todo.
— Se eu me transformar em Afrodite, esfaqueia-me a mim primeiro
— estendi a mão para pegar no punhal e ele deu-mo.
— Combinado — sorriu ele.
— Combinado — disse eu, e furei a orla da minha echarpe nova; em seguida, deixei a lâmina correr e cortar uma tira comprida e fina.
— E agora?
— Escolhe um ramo. O Seoras disse que eu tenho de segurar na minha e tu na tua. Atamo-las os dois e o desejo que pedirmos ficará unido também.
— A sério? É super-romântico.
— Pois é — ele tocou-me na face. — Quem me dera ter inventado só para ti.
Olhei-o bem nos olhos e disse o que me ia na cabeça.
— Tu és o melhor Guardiã do mundo.
Stark abanou a cabeça, o rosto tenso.
— Não sou nada. Não digas isso.
Tal como ele me fizera, toquei-lhe na face.
— Para mim, Stark. Para mim, tu és o melhor Guardiã do mundo.
Ele descontraíu-se um pouco.
— Para ti, vou-me esforçar por ser.
Olhei para a árvore antiga.
— Ali — e apontei para um ramo baixo que bifurcava e criava com folhas e hastes o que parecia um coração perfeito.
— Ali é o nosso sítio.
Fomos juntos para a árvore. Depois, como o Guardiã de Skye dissera, eu e Stark amarrámos a tira cor de terra do kilt MacUallis com a minha tira cor de creme brilhante. Os nossos dedos roçaram uns nos outros e, quando demos a laçada, entreolhámo-nos.
— O meu desejo para nós é que o nosso futuro seja forte, como este nó — declarou Stark.
— O meu desejo para nós é que o nosso futuro seja juntos, como este nó — declarei eu.
Selámos os nossos desejos com um beijo que me deixou sem fôlego. Eu estava encostada a Stark para o beijar outra vez quando ele me pegou na mão e perguntou:
— Deixas que te mostre uma coisa?
— Claro — respondi, a pensar que, naquele momento, Stark poderia mostrar-me o que quisesse.

desperçada

Ele começou a levar-me pelo pomar adentro, mas sentiu-me hesitar porque me apertou a mão e me sorriu.

— Ouve, não há nada aqui que te possa fazer mal e, se houver, eu protejo-te. Prometo.

— Eu sei. Desculpa — engoli em seco o estranho nó de medo que se formara na garganta, apertei-lhe a mão também e avançámos juntos no pomar.

— Voltaste, Z. Voltaste mesmo. E estás a salvo.

— Não te faz lembrar o Outro Mundo? — perguntei baixinho, e Stark teve de se dobrar para me ouvir.

— Faz, mas pela positiva.

— A mim também, regra geral. Sinto cenas aqui que me fazem pensar em Nyx e no seu reino.

— Acho que tem que ver com a antiguidade deste sítio, e com o isolamento do mundo. Pronto, é aqui — disse ele. — O Seoras estava a falar-me disto, e achei por bem vir ver antes de te trazer cá. É isto que eu te queria mostrar — Stark apontou para a frente e para a direita, e eu fiquei boquiaberta. Uma das árvores cintilava. De dentro das rugosidades da casca, saía um brilho azul suave, como se a árvore tivesse veias luminosas.

— É espantoso! O que é?

— Deve haver alguma explicação científica — provavelmente algo sobre plantas fosfóreas e tal, mas prefiro crer que é magia, magia escocesa — disse Stark.

Olhei para ele, sorri, e puxei-lhe pelo kilt.

— Também prefiro chamar-lhe magia. E por falar em cenas escocesas, estou mesmo a gostar de te ver nesta vestimenta.

Ele olhou para baixo.

— Pois, é estranho que aquilo que mais parece um vestido de lã possa parecer tão viril.

Tive de me rir.

— Quero ver-te dizer ao Seoras e aos Guerreiros que eles andam de vestido de lã.

— Com mil raios, não. Acabei de sair do Outro Mundo, mas não tenho vontade nenhuma de morrer — depois, ele fez cara de quem estava a pensar no que eu dissera antes e perguntou:

— Gostas de me ver nisto?

Cruzei os braços e comecei a andar à volta dele, com um olhar avaliador enquanto ele me observava. As cores do kilt MacUallis faziam-me sempre lembrar terra — coisa mais esquisita, terra vermelha

do Oklahoma, para ser exata. Esse tom de ferrugem misturava-se com o das folhas acabadas de secar e com o tom antracite da casca das árvores. Ele usava-o da maneira antiga, como Seoras lhe ensinara, fazia ele as pregas e depois enrolava-se no tecido e prendia-o com cintos e pregadeiras antigas (mas não me parece que os Guerreiros lhes chamassem pregadeiras). Havia outra extensão de tecido que ele podia pôr aos ombros, o que era muito bom porque, além dos cintos que se entrecruzavam, ele só tinha uma camisola de cavas que lhe deixava muita carne à mostra.

Stark pigarreou. O sorriso enviesado fazia-o parecer menino e algo nervoso.

— Então? Passei na inspeção, rainha minha?

— Completamente — sorri. — Com louvores.

Agradou-me que, mesmo sendo um Guardiã grande e rijo, Stark tivesse ficado aliviado.

— Apraz-me sabê-lo. Vê só o jeitão que dá esta lâ toda — Stark pegou-me na mão e levou-me para mais perto da árvore cintilante, e sentou-se, e estendeu parte do kilt para tapar o musgo.

— Senta-te, Z.

— Agradecida — disse eu, e aninhei-me ao lado dele. Stark abraçou-me e puxou a ponta do kilt para cima de mim, e eu fiquei num casulo quentinho que parecia uma sandes de Guerreiro e kilt.

Ficámos assim muito tempo, ou assim me pareceu. Não falámos. Deixámo-nos ficar num silêncio bonito e agradável. Sabia-me bem estar nos braços de Stark. Segura. E quando as mãos dele se começaram a mexer, a percorrer o padrão das minhas tatuagens, primeiro no rosto e depois no pescoço, também me soube bem.

— Ainda bem que voltaram — disse Stark baixinho.

— Foi por tua causa — sussurrei também. — Por causa do que me fizeste sentir no Outro Mundo.

Ele sorriu e deu-me um beijo na testa.

— Queres dizer assustada e passada da cabeça?

— Não — contrapus, e toquei-lhe no rosto. — Tu fizeste-me sentir viva outra vez.

A boca dele passou da testa para a minha. Ele beijou-me profundamente e depois disse, muito perto:

— É bom saber, porque aquilo tudo com o Heath, e quase te perder, fez-me confirmar uma coisa que eu já mais ou menos sabia. Não posso viver sem ti, Zoey. Talvez seja só Guardiã, e tu tenhas outro consorte, ou até um parceiro, mas tenhas quem tiveres na tua vida não vai alterar

desperçada

quem eu sou para ti. Nunca mais hei de zangar-me e deixar-te. Aconteça o que acontecer. Hei de lidar com outros tipos, e isso não altera nada entre nós. Juro — ele suspirou e encostou a testa à minha.

— Obrigada — disse eu. — Mesmo que pareça que me estás a passar a outros gajos.

Ele chegou-se para trás, franziu o sobrolho e disse:

— Isso é um monte de tretas, Z.

— Tu acabaste de dizer que não te importas que eu tenha...

— Não! — ele abanou-me um bocadinho. — Não disse nada que não me importo que estejas com outros. Disse que não vou deixar que isso estrague o que temos.

— E o que é que temos?

— Um ao outro. Para sempre.

— Pois isso a mim basta, Stark — abracei-o pelos ombros. — Não te importas de fazer uma coisa?

— Não, o que quiseres — ele repetiu a minha resposta, e sorrimos os dois.

— Beija-me como há pouco para eu não conseguir pensar.

— Sou capaz disso.

Stark começou a beijar-me devagar e docemente, mas não demorou muito assim. O beijo adensou-se e as mãos dele começaram a percorrer-me o corpo. Quando encontrou a bainha da *T-shirt*, ele hesitou, e foi nesse momentinho de hesitação que eu decidi. Queria Stark. Queria tudo nele. Afastei-me para o poder encarar. Estávamos os dois ofegantes e ele tornou a chegar-se a mim, como se não aguentasse estar afastado.

— Espera — pus-lhe a mão aberta no peito.

— Desculpa — ele tinha a voz rouca. — Não queria ser bruto.

— Não, não é isso. Não estás a ser bruto. Eu só queria... bem...

— hesitei, a tentar raciocinar no meio do desejo que sentia por ele. — Raios me partam. Vou mostrar-te o que queria — antes que me desse um ataque de vergonha, levantei-me. Stark olhava-me com uma expressão de curiosidade e avidez mas, quando tirei a *T-shirt*, desabotoei e despi as calças de ganga, a curiosidade foi-se e só ficou uma avidez que lhe toldava o olhar. Voltei à segurança dos braços dele, e adorei a sensação da aspereza do kilt dele na macieza da minha pele nua.

— És tão bonita — disse ele, os dedos a percorrerem a tatuagem que me dava a volta à cintura. O toque fez-me tremer. — Tens medo? — perguntou ele, e puxou-me mais para si.

— Não tremo por ter medo — sussurrei contra a boca dele entre beijos. — Tremo porque te desejo muito.

— Tens a certeza?

— Certeza absoluta. Amo-te, Stark.

— Eu também te amo, Zoey.

Stark abraçou-me e, com as mãos e os lábios, isolou-nos do mundo, fez-me pensar só nele — querer estar só com ele. O toque dele afugentou a má recordação de Loren, e o erro que eu fizera ao entregar-me, para as brumas do passado. Em simultâneo, Stark apaziguou a dor que eu tinha por ter perdido Heath. Eu sentiria sempre falta de Heath, mas ele era humano e, enquanto Stark fazia amor comigo, compreendi que também teria tido de me despedir de Heath, fosse como fosse.

Stark era o meu futuro — o meu Guerreiro — o meu Guardião — o meu amor.

Quando Stark abriu o kilt MacUallis e se deitou a meu lado, baixou-se e senti a língua dele na pulsação do meu pescoço e depois um breve toque inquiridor com os dentes.

— Sim — afirmei, admirada com a voz estranha que me saía sem fôlego. Mudei de posição para que os lábios de Stark assentassem melhor no meu pescoço e beijei a encosta forte e macia onde o ombro dele se juntava ao braço. Com a minha própria pergunta silenciosa, deixei que os meus dentes roçassem na sua pele.

— Oh, deusa, sim! Por favor, Zoey. Por favor.

Eu não podia esperar mais. Rasguei-lhe a pele no mesmo momento em que ele me mordida suavemente o pescoço e, com o gosto quente e doce do sangue dele, o meu corpo encheu-se dos sentimentos que partilhávamos. O elo entre nós era como fogo — queimava e consumia, quase doía de tanta intensidade. Agarrámo-nos um ao outro, as bocas presas na carne, corpo a corpo. Eu só sentia Stark. Só ouvia os nossos corações baterem em unísono. Não sabia onde terminava eu e começava ele. Não sabia qual era o prazer dele e qual era o meu. Depois, fiquei nos braços dele, as pernas entrelaçadas, os corpos ainda molhados de suor, rezei silenciosamente à minha Deusa: *Nyx, obrigada por me dares o Stark. Obrigada por deixares que ele me ame.*

Ficámos no pomar durante horas. Mais tarde, eu recordar-me-ia dessa noite como uma das mais felizes da minha vida. No caos do futuro, a recordação de ter estado nos braços de Stark a partilhar toques e sonhos, e por ter sido um ponto no tempo em que estive completamente bem, seria algo a estimar, como o brilho quente da luz da vela na noite mais tenebrosa.

desperçada

Muito mais tarde, voltámos ao castelo. Íamos de mãos dadas, os nossos corpos iam-se tocando intimamente. Acabámos de passar a ponte levadiça, e eu ia tão embrenhada em Stark que nem reparei nas cabeças empaladas. Aliás, não reparava em praticamente nada até Afrodite meter o bedelho.

— Oh, pelo amor da santa, vocês dois podiam ser mais descarados?

Levantei a cabeça do meu devaneio no ombro de Stark e vi Afrodite numa poça de luz dos archotes à entrada do castelo, a bater o pé toda irritada.

— Belíssima, deixa-os estar. Já ganharam o seu pedacinho de felicidade — a voz funda de Dário saiu das sombras atrás dela.

Uma bela sobranceira loura ergueu-se, trocista.

— Não me parece que a felicidade tenha sido o pedacinho que ela deu ao Stark.

— A sério, neste momento nem a tua brejeirice me incomoda — disse-lhe.

— Mas a mim, incomoda — atalhou Stark. — Não devias andar a arrancar asas a gaivotas ou pinças a caranguejos?

Afrodite fingiu que Stark não disse nada e avançou para mim.

— É verdade?

— O que é que é verdade? Que tu és uma chata? — retorqui.

Stark resfolegou.

— Lá isso é verdade.

— Se for verdade, vais ser ter de ser tu a dizer-lhe. Não vou aturar-lhe a lamechice — Afrodite agitou o *iPhone* e usou-o para sublinhar as palavras.

— Credo, estás mesmo louca, mais do que o costume — disse eu.

— Precisas de uma intervenção de terapia de compras? O que é que é verdade? — falei devagar, como se ela andasse a aprender a minha língua.

— É verdade o que a Rainha de Tudo O Que É Skye me disse, que tu não te vais embora connosco amanhã? Que ficas aqui?

— Ah — arrastei os pés a pensar porque é que me havia de sentir culpada.

— Pois, é verdade.

— Lindo. Mesmo lindo. Então, como eu já disse, tu é que lhe vais dizer.

— A quem?

— Ao Jack. Toma. Ele vai desatar a chorar baba e ranho e estragar a

pintura toda, o que o vai fazer murchar ainda mais. E eu quero ficar a milhas de dramas *gay*. A milhas — Afrodite carregou no ecrã do telemóvel. Estava a tocar quando mo passou.

Jack parecia doce, mas na defensiva quando atendeu.

— Afrodite, se vais ser mazinha quanto ao Ritual, acho que é melhor nem dizeres nada. Aliás, nem te vou dar ouvidos porque estou ocupado a desafiar a gravidade. Ora, toma.

— Hum, olá, Jack — disse eu.

Quase o vi sorrir para o telemóvel.

— *Zoey!* Olá! Oooh, mas que fixe que não morreste, nem estás mortinha. Oh, oh, a Afrodite contou-te o que estamos a organizar para amanhã depois de voltares? Minha deusa, vai ser tão fixe!

— Não, Jack. A Afrodite não me contou porque...

— Boa! Eu é que te conto. Vamos ter um Ritual de Celebração especial das Filhas e dos Filhos das Trevas, com os nomes todos e tudo, porque tu estares desestilhaçada é muito importante.

— Jack, eu tenho de...

— Não, não, não, não, tu não tens de fazer nada. Eu tenho tudo tratado. Até tratei da comida, bom, com a ajuda do Damien, claro. Quer dizer...

Suspirei e esperei que ele parasse para respirar.

— Vês, eu bem disse — bichanou Afrodite enquanto Jack continuava. — Ele vai choramingar quando lhe estragares o sonho cor-de-rosa.

—... e a minha parte preferida é quando tu entras no círculo e eu canto *Defying Gravity*. Sabes, como o Kurt fez no *Glee*, tirando que eu vou conseguir mesmo aquela nota alta. O que te parece?

Fechei os olhos, respirei fundo e respondi:

— Parece-me que és mesmo um grande amigo.

— Oooh! Obrigado!

— *Mas* vamos adiar o Ritual.

— Adiar? Como? — a voz dele já soava trémula.

— Porque... — hesitei. Trampa. Afrodite tinha razão. Ele provavelmente ia chorar. Stark tirou-me o telemóvel da mão e premiu o botão do altifalante.

— Olá, Jack, meu — disse ele.

— Olá, Stark!

— Não te importas de me fazer um favor?

— Oh, minha deusa! Claro que não!

— Bom, eu ainda estou um bocadinho passado com aquilo do Ou-

tro Mundo e tal. A Afrodite e o Dário voltam amanhã, mas a Zoey fica aqui em Skye comigo até eu me restabelecer. Não te importas de dizer à malta que só voltamos a Tulsa daqui a umas semanas ou coisa assim? Não te importas de divulgar e de acalmar os ânimos por mim?

Retive o fôlego, à espera das lágrimas, mas Jack soou completamente crescidinho e maduro.

— Não me importo de todo. Não te rales com coisíssima nenhuma, Stark. Vou dizer à Lenóbia e ao Damien e a toda a gente. E Z, não há es-piga nenhuma. Podemos adiar completamente. Até me dá mais tempo de ensaiar a minha canção e arranjar maneira de fazer espadas de origami para os enfeites. Achei boa ideia pendurá-las com fio de coco, que não se vê, para ficar assim, tipo, a *desafiar a gravidade*.

Sorri e mimei as palavras *muito obrigada* a Stark.

— Parece-me perfeito, Jack. Não me ralo com coisa nenhuma sabendo que estás tu a tratar dos enfeites e da música.

A gargalhada de contentamento de Jack até borbulhava.

— Vai ser um Ritual do *best*, vais ver! Stark, tu trata de melhorares e mais nada. Ah, e Afrodite, não vale a pena pensares que me vou debulhar em lágrimas só porque há mudanças de planos.

Afrodite fez má cara para o telemóvel.

— Como raio é que sabes o que eu penso?

— Sou *gay*. Sei das coisas.

— Não interessa. Diz adeusinho, Jack, estou a pagar *roaming* — mandou Afrodite.

— Adeusinho, Jack! — disse ele, a rir-se, e Afrodite tirou o telemóvel a Stark e terminou a chamada.

— Correu melhor do que eu pensava — disse eu para Afrodite.

— Pois, “ela” aguentou-se. Como será que a outra aguenta, já que é muito pior do que a Menina Jack?

— Ouve, Afrodite, o Damien não é borboleta nenhuma, embora não haja mal nenhum nisso, mas eu gostava muito que fosses menos ma-zinha para os dois.

— Ora, francamente. Não estava a falar dos teus *gays*, mas sim da Neferet.

— Neferet! — quase guinchei. Detestava ter de dizer o nome dela.

— O que é que sabes dela?

— Nada, e é isso mesmo que me aflige. Mas ouve, Z, não percas noites de sono por causa disso. Afinal, vais ficar aqui, em Skye, com um mon-tão de gajos grandes e fortes — e o Stark — para te protegerem, enquanto nós comuns mortais vamos continuar com a batalha épica do mal contra

o bem, Escuridão contra Luz, bla, bla, bla, etc., *ad nauseam* — Afrodite virou-se e subiu os degraus da entrada de rompante.

— A Afrodite é dos comuns mortais? Achava que a categoria «seca do caraças» ficava muito além do comum — ironizou Stark.

— Eu ouvi! — exclamou Afrodite lá do alto. — Ah, e para vossa informação, tive uma emergência de bagagem, e não tinha malas que chegassem, pelo que confisquei aquela mala que compraste um dia destes. Vou começar a fazer as malas como deve ser. Até loguinho, camponeses — Afrodite bateu com a grande porta de madeira do castelo, o que deve ter custado alguma coisa.

— Ela é magnífica — exclamou Dário, a sorrir orgulhosamente enquanto galgava os degraus atrás de Afrodite.

— Ocorrem-me montes de palavras começadas por «M» para lhe chamar. *Magnífica*, não — resmungou Stark.

— *Maluca e mazinha*, assim de repente — disse eu.

— Me... e mais não digo.

— Hihihi — fiz eu, e meti o braço no dele. — Estás só a tentar distrair-me da cena da Neferet, não estás?

— E dá resultado?

— Nem por isso.

Stark passou o braço pela minha cintura.

— Então, tenho de me esforçar mais no material de distração.

De braço dado, avançámos para a entrada do castelo.

Deixei Stark continuar com a lista de palavras que caracterizava melhor Afrodite e tentei recuperar a sensação de felicidade que tivera recentemente, e que fora tão breve. Continuei a dizer a mim mesma que Neferet estava a um mundo de distância — e que os adultos desse mundo poderiam lidar com ela. Quando Stark me abriu a porta do castelo, houve algo que me chamou a atenção e olhei para cima, para a bandeira que presidia orgulhosamente ao domínio de Sgiach. Parei para apreciar a beleza do possante touro negro com a silhueta da Deusa cintilante recortada no corpo maciço. Nesse momento, a bruma elevou-se das águas que rodeavam o castelo, desfocou a vista que eu tinha da bandeira, e o touro negro transmutou-se num branco fantasmagórico que apagava completamente a imagem da Deusa.

Senti um arrepio de medo pelo corpo todo.

— O que foi? — instantaneamente alerta, Stark pôs-se a meu lado.

Pisquei os olhos. A bruma dissipou-se e a bandeira voltou à forma anterior.

— Nada — respondi depressa. — Estou só a ser paranoica.

desperjada

— Ouve, eu estou aqui, não é preciso paranoias; não é preciso ralares-te, eu posso proteger-te.

Stark abraçou-me e apertou-me com força, apagou o mundo lá fora e o que o instinto me estava a tentar dizer.



QUINTO CAPÍTULO

Stevie Rae

Tu não ‘tás bem em ti, sabes disso, não sabes?

Stevie Rae olhou para Kramisha.

— Eu só estou aqui sentadinha a tratar da *minha* vidinha — Stevie Rae não disse *ao contrário de ti*, mas não devia ser preciso. — Em que é que isso não é estar bem em mim?

— Escolheste o canto mais escuro e esquisito. Apagaste as velas todas para ficar ainda mais escuro. E ‘tás aqui sentada a carpir tão alto que quase consigo ouvir o que pensas.

— Tu não consegues ouvir o que eu penso.

O tom aflito na voz de Stevie Rae fez Kramisha arregalar os olhos.

— Claro que não consigo. Não é preciso ficares para aí a bufar. Eu disse *quase*. Não sou a Sookie Stackhouse. Mais, mesmo que fosse, não me punha à escuta do que pensas. Seria uma falta de educação e não foi assim que a minha mãezinha me ensinou — Kramisha sentou-se ao lado de Stevie Rae no banco de madeira.

— Por falar nisso... serei a única a pensar que aquele lobisomem é mais grosso do que o Bill e o Eric juntos?

— Kramisha, não me estragues a terceira temporada do *True Blood*. Ainda não terminei de ver os DVD da segunda.

— Pois só ‘tou a dar uma opinião, prepara-te para muita grossura de quatro patas.

— A sério. Não te atrevas a contar mais nada.

— ‘Tá bem, ‘tá bem, mas tenho mesmo de falar contigo de grossuras de monstros e lobos e gajos.

— Este banco é de madeira. A madeira vem da terra. Quer dizer que

desperçada

devo poder arranjar maneira de o fazer dar-te uma carga de porrada se me estragares o *True Blood*.

— Mas tu queres descontraír-te, ou quê? Já me deixei disso. Tenho outra coisa para falarmos antes de irmos ao que vai ser uma grandessíssima seca de Reunião do Conselho.

— Faz parte do que temos de fazer. Eu sou Sumo-Sacerdotisa. Tu és Poetisa Laureada. Temos de ir a Reuniões do Conselho — Stevie Rae bufou demoradamente e deixou descair os ombros.

— Catano que vai ser um alívio quando a Z voltar para cá amanhã.

— ‘Tá, ‘tá, isso percebo, só não percebo que bicho te mordeu para estares praticamente virada do avesso.

— O meu namorado perdeu a tramontana e desapareceu da face da terra. A minha melhor amiga quase morreu no Outro Mundo. Os iniciados vermelhos — os outros — ainda andam a monte a fazer sabe-se lá o quê, o que só pode ser a morder pessoas. Como se não bastasse, espera-se que eu seja Sumo-Sacerdotisa, embora eu não faça ideia do que isso deva ser. Parece-me que já basta de bichos a morderem, não?

— Pois seja, mas não chega para me inspirar poemas esquisitíssimos que saem todos com a mesma conversa. São sobre ti e sobre animais, e eu quero saber porquê.

— Kramisha, não sei do que estás a falar.

Stevie Rae começou a levantar-se, mas Kramisha levou a mão à sua mala enorme e sacou de um bocado de papel roxo onde se via a letra carregada dela. Com mais uma bufadela exagerada, Stevie Rae sentou-se e estendeu a mão.

— Pronto, deixa cá ver.

— Escrevi os dois neste papel, o antigo e o novo. Algo me diz que precisas de espicaçar a memória.

Stevie Rae não disse nada. Os seus olhos buscaram logo o primeiro poema do papel. Em seguida, demorou-se a ler. Não porque precisasse que lhe refrescassem a memória, não. Tinha cada um dos versos do poema gravado na cabeça.

*A Rubra entra na Luz
Epartilhada para o seu papel
Na apocalíptica luta.
A Escuridão oculta-se em muitos locais
Vê além da forma, cor, mentiras
E tempestades emocionais.
Alia-te a ele; paga com o coração*

*Embora não se possa confiar
Até se separarem da Escuridão.
Vê com a alma e não com o olhar
Porque para dançar com monstros
Tens de penetrar no seu avatar.*

Stevie Rae disse de si para consigo que não ia chorar, mas sentiu o coração magoado e partido. O poema estava certo. Ela vira Refaim com a alma, e não com os olhos. Ela apartara a Escuridão e confiara nele e aceitara-o — e por isso, por se ter aliado a um monstro, pagara com o coração. Ainda estava a pagar com o coração.

Relutante, Stevie Rae olhou para o segundo poema na folha — o novo. Lembrou-se de não reagir, de não deixar transparecer nada, e começou a ler:

*Os monstros podem ser belos
Os sonhos passam a desejos
A realidade muda com a razão
Confia na tua verdade
Homem... monstro... mistério... magia
Escuta com o coração
Vê sem desdém
O amor nunca perde
A promessa dele faz prova
O teste do tempo
A fé liberta
Se houver a coragem de mudar.*

Stevie Rae sentiu a boca seca.

— Desculpa, não te sei ajudar. Não sei do que tratam estas coisas — Stevie Rae tentou devolver o bocado de papel a Kramisha, mas as mãos da poetisa estavam dobradas em cima do peito.

— Não sabes mas é mentir, Stevie Rae.

— Não é avisado chamar mentirosa à tua Sumo-Sacerdotisa — Stevie Rae falou num tom mauzinho que fez Kramisha abanar a cabeça.

— O que é que 'tá a acontecer contigo? Andas a lidar com uma coisa que te está a consumir. Se estivesses em ti, falavas comigo. Tentavas acertar com isso.

— Não sei acertar com isto da poesia! É metáfora e simbolismo e previsões esquisitas e confusas.

— Mas que grande aldrabice — disse Kramisha. — Nós temos andado a tentar acertar com isto. A Zoey tentou. Eu e tu tentámos, ou pelo menos chegou para dizer à Z no Outro Mundo. E ajudou. O Stark disse que ajudou — Kramisha apontou para o primeiro poema. — Parte deste concretizou-se. Tu encontraste os monstros. Os touros. Tens estado diferente desde então. Agora, recebi outro poema sobre monstros. Sei que é para ti. E sei que tu sabes mais do que dizes.

— Ouve, não te metas na minha vida, Kramisha — Stevie Rae levantou-se, saiu da alcova e foi direitinha ao Dragão Lankford, ainda a berrar com Kramisha — Estou farta de falar de monstros!

— Eh lá, o que se passa aqui? — a mão forte do Dragão amparou Stevie Rae que já cambaleava do encontrão.

— Disseste *monstros*?

— Disse — Kramisha apontou para a folha na mão de Stevie Rae. — Ocorrem-me dois poemas, um no dia em que a Stevie Rae se meteu com os touros, outro ainda há pouco. Ela não lhes quer ligar nenhuma.

— Eu não disse que não lhes ia ligar nenhuma. Só quero ser *eu* a tratar da *minha* vidinha sem toda a santa alminha no universo a meter o bedelho.

— Eu sou toda a santa alminha? — perguntou o Dragão.

Stevie Rae obrigou-se a encará-lo.

— Não, claro que não é.

— E tu concordas comigo que os poemas da Kramisha são importantes?

— Pois concordo.

— Então, não podes simplesmente ignorá-los — o Dragão pôs a mão no ombro de Stevie Rae.

— Sei como é querermos ter sossego na nossa vida privada, mas tu entraste numa esfera em que há coisas mais importantes do que a tua privacidade.

— Eu sei disso, mas posso lidar com isto sozinha.

— Não lidaste com os touros — salientou Kramisha. — Eles apareceram à mesma.

— Mas foram-se, não foram? Portanto, lidei com eles muito bem.

— Lembro-me bem de te ver depois da luta com o touro. Estavas gravemente ferida. Se tivesses compreendido o aviso de Kramisha, talvez o custo não te fosse tão alto. E depois, há o facto de aparecer um Zomba-Corvos, o qual pode muito bem ser a tal criatura Refaim. Esse monstro ainda anda por aí e é um perigo para todos nós. Portanto, tu deves

compreender, jovem sacerdotisa, que uma premonição destinada a ti não pode ser da esfera privada porque incide nas vidas de todos.

Stevie Rae olhou para os olhos do Dragão. As palavras eram acutilantes, o tom era bondoso, mas seria desconfiança e raiva o que ela via no semblante dele, ou apenas a mágoa que o assombrava desde a morte da mulher?

Enquanto ela hesitava, Dragão continuou:

— Um monstro matou Anastasia. Não podemos permitir que mais nenhum inocente seja maculado por essas criaturas da Escuridão, se pudermos evitar. Sabes que falo verdade, Stevie Rae.

— Pois sei — gaguejou ela, a tentar dar ordem às palavras. *Refaim matou Anastasia na noite em que Dário lhe deu um tiro e ele caiu do céu. Nunca mais se vão esquecer disso — eu nunca mais me hei de esquecer, especialmente agora que as coisas mudaram. Há semanas que não o vejo. Nada. A nossa Impressão ainda cá está. Eu sinto-a, mas não tenho sentido nada sobre ele.*

E essa falta de sentimento tomou a decisão por ela.

— Pronto, tem razão. Eu preciso de ajuda com isto — *talvez esteja destinado*, pensou ela, e passou os poemas ao Dragão. *Talvez o Dragão descubra o meu segredo e, quando descobrir, fique tudo destruído: Refaim, a nossa Impressão, e o meu coração. Mas pelo menos, acaba tudo.*

Enquanto o Dragão lia os poemas, Stevie Rae viu o semblante taldar-se-lhe. Quando ele finalmente tirou os olhos do papel e a fitou, não havia dúvida quanto à sua aflição.

— O segundo touro que conjuraste, o preto que venceu o touro mau, que tipo de ligação tinhas com ele?

Stevie Rae tentou não mostrar o alívio que sentia por ver o Dragão concentrado nos touros sem lhe perguntar de Refaim.

— Não sei se podemos falar em ligação, mas achei-o belíssimo. Era preto, mas não tinha Escuridão. Era incrível — como o céu da noite, ou a terra.

— A terra... — o Dragão parecia estar a pensar alto. — Se o touro te fez lembrar o teu elemento, talvez baste para que os dois continuem ligados.

— Mas nós sabemos que ele é bom — disse Kramisha. — Não há mistério nenhum nisso. Os poemas não podem ser sobre ele.

— E depois? — Stevie Rae não conseguiu disfarçar a irritação. Kramisha mais parecia um cão agarrado ao osso. Não largava a porcaria do assunto.

desperjada

— E depois o poema, especialmente o último, fala de confiar na verdade. Já sabemos que o touro é bom, podes confiar no touro preto. Porque é que precisas que um poema te diga isso?

— Kramisha, como já tentei dizer-te, não faço a mais pálida ideia.

— E eu cá não me parece que os poemas falem do touro preto — disse Kramisha.

— De que mais é que podiam falar? Não sei doutros monstros — Stevie Rae falou depressa, como se a velocidade apagasse a mentira.

— Disseste que o Dallas tem uma afinidade nova que é invulgar, e que parece que enlouqueceu, não é assim? — perguntou o Dragão.

— Sim, resumindo — respondeu Stevie Rae.

— A referência a monstros pode ser simbólica do Dallas. O poema ainda assim pode querer dizer que deves confiar na humanidade que ele ainda tiver — alvitrou o Dragão.

— Não sei bem — disse Stevie Rae. — Ele estava todo baralhado e meio maluco da última vez que o vi. Quer dizer, estava a dizer cenas muito esquisitas sobre o Zomba-Corvos que viu.

— A Reunião do Conselho vai começar! — a voz de Lenóbia ressoou no corredor pela porta aberta da Sala do Conselho.

— Não te importas que eu fique com isto? — o Dragão mostrou a folha de papel quando eles começaram a descer o corredor.

— Vou fazer uma cópia e depois devolvo-to, mas gostaria de ter maneira de estudar e ponderar melhor na poesia.

— Não, não me importo nada — respondeu Stevie Rae.

— Pois eu cá fico contente de termos a sua cabeça a trabalhar nisto, Dragão — observou Kramisha.

— Eu também — corroborou Stevie Rae, a tentar que as palavras lhe soassem sinceras.

O Dragão explicou:

— Não vou contar a toda a gente, apenas aos vampyros que me parecem capazes de compreender o significado da poesia. Compreendo que queiras privacidade.

— Vou contar isso à Zoey assim que ela voltar amanhã — disse Stevie Rae.

O Dragão franziu o sobrolho.

— Concordo que devas contar dos poemas à Zoey, mas, infelizmente, elas não volta amanhã para a Casa da Noite.

— Como? Porquê?

— Parece que o Stark não está apto para viajar, e Sgiach deu-lhes autorização para ficarem em Skye indefinidamente.

— Foi a Zoey quem disse isso? — Stevie Rae não podia crer que a sua melhor amiga tivesse ligado ao Dragão e não a ela própria. Em que andava a Z a pensar?

— Não, ela e o Stark falaram com o Jack.

— Ah, o Ritual de Celebração — Stevie Rae assentiu. Afinal a Z não lhe andava a esconder nada. O Jack não se calava com o Ritual em que se arrogara mestre-de-cerimónias para a música, a comida e a decoração — provavelmente ligara a Zoey com uma lista infundável de perguntas como, por exemplo, *Qual é a tua cor favorita? Gostas mais de Doritos ou de Ruffles?*

— O gayzinho anda obcecado. Aposto que perdeu a tramontana quando descobriu que a Z não volta para casa amanhã.

— Na verdade, ele vai aproveitar o tempo para continuar a ensaiar a canção que quer cantar, e anda entretido com a decoração — disse o Dragão.

— Valha-nos a deusa — disse Kramisha. — Se ele tentar pendurar arcos-íris e unicórnios por toda a banda e obrigar-nos a usar estolas de penas — outra vez —, juro que o mando para o raio que o parta.

— Espadas em origami — disse o Dragão.

— Perdão? — Stevie Rae não podia ter ouvido bem.

O Dragão galhofou.

— O Jack foi à Casa de Campo e pediu um espadão para ter um exemplo a sério com que trabalhar. Em honra do Stark, vai fazer espadas em origami para pendurar com fio de coco. E disse que vai ficar como na canção.

— Porque vão *desafiar a gravidade* — Stevie Rae também se riu. Gostava mesmo do Jack. Era fofo, fofo.

— Espero que não as faça em papel cor-de-rosa, não é coisa que se faça.

Tinham chegado à porta da Sala do Conselho e, antes de entrarem no espaço já cheio, Stevie Rae ouviu o Dragão dizer:

— Cor-de-rosa, não. Roxo. Vi-o com uma resma de papel roxo.

Stevie Rae ainda sorria quando Lenóbia abriu a ordem de trabalhos da Reunião Nos dias seguintes, lembrar-se-ia de que sorria e desejaria poder agarrar-se à imagem de Jack a recortar espadas roxas e a cantar *Defying Gravity*, eternamente a ver o lado bom da vida, eternamente fofo, eternamente contente e, o mais importante de tudo, eternamente em segurança.

desperçada



SEXTO CAPÍTULO

Jack

Duca, o que se passa, bonita? Porque é que estás tão passada hoje? — Jack puxou a pilha de papéis origami roxos de debaixo da cadela labrador cor de mel e pôs tudo fora do alcance dela, no banquinho de madeira que servia de mesa e de estojo para o espadão. A cadela bufou, bateu com a cauda no chão e chegou-se mais a Jack. Ele suspirou e lançou-lhe um olhar amoroso, mas exasperado.

— Não é preciso andares colada a mim. Está tudo bem. Estou só a fazer os enfeites.

— Ela tem estado um pouco mais do que codependente hoje — observou Damien, a dobrar as pernas e a sentar-se na relva ao lado de Jack.

Jack parou de mexer na espada de papel que estava a dobrar e fez uma festa na cabeça macia da *Duquesa*.

— Achas que ela sente que o s-t-a-r-k não se anda a sentir a cem por cento? Achas que ela sabe que ele não volta amanhã?

— Talvez. Ela é extraordinariamente inteligente, mas acho que está mais ralada por tu ires subir ali do que com o Stark cansado e atrasado.

Jack apontou num floreado para o escadote de dois metros que estava aberto e preparado não muito longe deles.

— Ah, nem a *Duca* nem tu têm que se ralar com nada. O escadote é seguro. Até tem um trinco para o manter aberto e para ficar completamente estável.

— Não sei. Ali em cima é um pavor — Damien olhou para os degraus de cima com ar receoso.

— Ora, não é assim tão mau. Aliás, não é que eu vá subir até lá acima, não vou subir tudo. A coitada da árvore tem ramos mesmo murchos

agora. Sabes, desde que *ele* saiu de debaixo dela — Jack sussurrou a última frase num tom muito teatral.

Damien pigarreou e lançou o mesmo olhar receoso à árvore debaixo da qual estavam sentados.

— Pronto, não te passes, mas preciso mesmo de falar contigo sobre a escolha deste sítio específico para o Ritual de Celebração da Zoey.

Jack ergueu uma mão, com a palma para a frente, no sinal universal de stop.

— Já sei que as pessoas vão implicar com este local, e acabei de decidir que as minhas razões a favor são melhores do que as razões contra.

— Amor, tu tens sempre as melhores intenções — Damien pegou na mão de Jack com as duas.

— Mas parece-me que, desta vez, tens de considerar que poderás ser o único a ver algo de positivo neste sítio. A Professora Nolan e o Loren Blake foram assassinados aqui. Kalona saiu da terra, escancarou o chão e abriu esta árvore ao meio. A mim, não me parece razão para celebrar.

Jack tapou as mãos de Damien com a que tinha livre.

— É um lugar de poder, não é?

— Correto — respondeu Damien.

— E o poder não é negativo nem positivo enquanto não for usado por alguém. Só assume essas características quando forças exteriores pegam nele e o influenciam, não é?

Damien ponderou nisto e depois assentiu com relutância.

— É, acho que estás correto outra vez.

— Bom, sinto que o poder neste sítio — esta árvore fendida e toda a área aqui do muro oriental — tem sido mal aproveitado. Precisa de uma hipótese de ser usado para a Luz e a bondade outra vez. Quero dar-lhe essa hipótese; *tenho* de lhe dar essa hipótese. Há algo dentro de mim a dizer-me que preciso de estar aqui, a preparar o Ritual de Celebração da Zoey para o regresso dela, mesmo que ela e o Stark só venham depois.

Damien suspirou.

— Sabes que eu nunca te pediria que desses um desconto aos teus pressentimentos, não sabes?

— Então, tenho o teu apoio nisto? Mesmo com toda a gente a dizer que o teu namorado é maluco?

Damien sorriu-lhe.

— Não anda nada toda a gente a dizer que tu és maluco. Dizem que a tua necessidade premente de enfeitar e organizar te toldou o raciocínio.

Jack riu-se.

— Aposto que não dizem *premente* nem *toldou*.

desperçada

— Empregaram sinónimos, embora inferiores.

— O meu querido Damien, o linguista!

— O meu querido Jack, o otimista — Damien chegou-se a Jack e deu-lhe um beijinho na boca.

— Faz o que precisares de fazer aqui. Eu sei que a Zoey vai agradecer quando finalmente regressar a casa — Damien calou-se, fez um sorriso triste para os olhos confiantes de Jack, e acrescentou:

— Amor, compreendes que a Zoey pode ficar lá algum tempo? Eu sei o que o Stark te disse, e ainda não falei com a Z, mas a Afrodite diz que ela não está em si — que não vai ficar em Skye por causa do Stark. A Zoey vai lá ficar porque se quer isolar do mundo.

— Eu não posso crer nisso, Damien — afirmou Jack.

— Eu também não quero crer, mas o facto é que a Zoey não volta com a Afrodite e o Dário, e não diz a ninguém quando é que tenciona voltar. Depois, há todo o problema do Heath. A Zoey volta para Tulsa, e sabes que ela vai ter de encarar o facto de o Heath não estar cá — de que o Heath nunca mais vai cá estar.

— É terrível, não é? — Perguntou Jack.

Os dois entreolharam-se num entendimento perfeito.

— Perder alguém a quem se ama tanto só pode ser um horror. A Zoey só pode estar mudada.

— Claro que está, mas ainda é a nossa Z. Tenho um forte pressentimento de que ela vai voltar mais cedo do que tu pensas — disse Jack.

Damien suspirou.

— Espero que tenhas razão.

— Ouve, até tu admites que eu costumo ter razão. Também hei de ter acerca do regresso da Zoey para breve. Eu sinto.

— Muito bem, vou ter fé em ti, principalmente porque adoro o teu pensamento positivo.

Jack sorriu e deu-lhe um chocho.

— Obrigado!

— Bom, quer a Z volte daqui a uma semana, quer daqui a um mês, ainda não tenho a certeza de ser boa ideia pendurares espadas de papel numa árvore cá fora, se não sabes quando é que as decorações vão ser precisas. E se chover amanhã?

— Ora, não vou pendurá-las todas, tolinho! Vou só experimentar algumas para ver se fiz bem as dobras para ficarem bem suspensas.

— É por isso que trouxeste o espadão para aqui? Parece muitíssimo afiado e, bom, *exposto* assim encostado à mesa. A parte aguçada não devia ficar para baixo?

Jack acompanhou o olhar de Damien para ver a longa espada prateada, o cabo para baixo, a lâmina para cima a reluzir com o clarão dos candeeiros que iluminavam a escola à noite.

— Bom, o Dragão deu-me instruções rigorosas, e eu dei-lhe ouvidos, embora estivesse mais ralado com o ar triste dele. Sabes, não me parece que ele esteja bem — Jack terminou a frase em voz abafada como se não quisesse que a *Duquesa* o ouvisse.

Damien suspirou e deu a mão a Jack.

— Também não me parece que ele esteja nada bem.

— Pois, ele estava a dizer-me para não espetar a ponta da espada no chão para não embotar e sei lá, e eu só pensava nas olheiras que ele tem — disse Jack.

— Amor, não me parece que ele durma sequer — observou Damien num tom triste.

— Não devia ter incomodado o Dragão por causa de espadas, mas queria ter um exemplo a sério para criar os origami, não queria só uma imagem.

— Não creio que ele se sentisse incomodado. A morte da Anastasia é algo com que ele tem de lidar. Lamento dizer isto, mas não há nada que possamos fazer ou não fazer. Seja como for, tiveste uma ideia excelente. Os teus origami parecem-me muito críveis.

Jack mexeu-se no banco, todo contente.

— Oh! Achas mesmo?

Damien passou-lhe um braço pela cintura e puxou-o a si.

— Mesmo, mesmo. És um decorador de talento, Jack.

Jack aninhou-se nele.

— Obrigado. Tu és o melhor namorado de sempre.

Damien riu-se.

— Não custa nada ser teu namorado. Queres ajuda a dobrar as espadas?

Foi a vez de Jack se rir.

— Não. Tu nem tens jeito para embrulhar prendas, calculo que não tenhas grande jeito para dobrar origami. Mas dá-me jeito com outra coisa — Jack olhou para a *Duquesa*, depois chegou-se mais a Damien e falou-lhe ao ouvido.

— Podias ir passear a *Duca*. Ela não me larga e está sempre a estragar-me os papéis.

— Está bem, na boa. Eu até ia dar uma corridinha. Sabes como é: gay anafado, gay desgraçado. A *Duca* pode dar umas voltas comigo, e depois fica cansada e deixa de se ralar contigo.

desperçada

— É tão fofo que tu corras.

— Já não dizes isso quando fico todo suado e encalorado depois — contrapôs Damien, levantando-se e apanhando a trela da *Duca* que estava na relva acastanhada pelo inverno.

— Então, às vezes gosto de ti suado e encalorado — disse Jack, sorridente.

— Então, se calhar não tomo banho depois — brincou Damien.

— Se calhar, é mesmo boa ideia — ajudou Jack.

— Se calhar, devias tomar banho comigo.

O sorriso de Jack abriu-se mais.

— Ora, *se calhar*, essa já é *mais* do que uma boa ideia.

— Oferecido — ralhou Damien, e baixou-se para lhe dar um beijo.

— Linguista — replicou Jack antes do beijo.

A *Duquesa* espremeu-se para se meter entre eles, a bufar e a abanar a cauda e a lambar os dois.

— Oh, menina bonita! Também te adoramos! — exclamou Jack, e deu beijinhos no focinho macio da cadela.

— Anda daí, vamos fazer exercício para continuares devidamente esbelta e atraente para o Jack — convidou Damien, e puxou pela trela da *Duquesa*. Ela deixou-se ir, mas com uma hesitação evidente.

— Está tudo bem, ele não tarda traz-te de volta — disse Jack.

— Pois, já vimos ter com o Jack, *Duca*.

— Ouve — chamou Jack —, eu também te adoro!

Damien virou-se, pegou na pata da *Duquesa* e fê-la acenar para Jack, e disse alto e bom som:

— Nós também te adoramos! — depois foram-se embora já em passo de corrida, a *Duquesa* a latir toda entusiasmada e Damien a fingir que a queria apanhar.

Jack ficou a vê-los.

— São o máximo de sempre — disse ele baixinho.

A espada que Jack acabara de rematar era a última das cinco que ele fizera. *Uma para cada elemento*, disse ele de si para consigo. Vou pendurar estas cinco e deixá-las à prova.

Enquanto cortava o fio de coco e o passava pela última das cinco espadas, Jack ia olhando para cima, à procura dos sítios ideais para pendurar os enfeites. Não precisou de procurar muito. Parecia que a árvore lhe mostrava o caminho. O tronco largo ficara quase fendido em dois, o carvalho maciço e antigo soçobrava e os ramos precários quase chegavam ao chão. Antes de Kalona ter saído da terra, não se conseguia chegar aos ramos mais baixos sem um escadote de cinco metros,

e agora o que Jack tinha, com dois e meio, chegava perfeitamente para lhe dar altura.

— Ali em cima. Mesmo ali em cima é onde deve ficar a primeira — Jack mirou um dos maiores ramos da árvore que pendia diretamente por cima dele como um braço protetor. — É perfeito porque fica pendurada mesmo por cima do local onde eu fiz as espadas todas — Jack chegou mais o escadote para a mesa e segurou na primeira espada pela ponta do fio de coco que atara ao cabo. — Ai, ai. Já me esquecia. Tenho de ensaiar — disse ele de si para consigo, e parou para mexer no comando da doca portátil para o *iPhone* que levava consigo para cima da mesa.

*Something has changed within me
Something is not the same
I'm through with playing by the rules
Of someone else's game...*

A voz de Rachel começou a canção, forte e límpida. Jack parou, com um pé no degrau de baixo do escadote e, quando Kurt entrou, cantou a letra com ele, e acompanhou aquela doce voz de tenor, nota por nota.

*Too late for second-guessing
Too late to go back to sleep...*

Jack subiu o escadote a acompanhar a voz de Kurt, a fingir que subia os degraus do Radio City Music Hall onde o elenco de *Glee* atuara em digressão na primavera anterior.

*It's time to trust my instincts
Close my eyes: and leap!*

Jack chegou ao degrau de cima do escadote, parou, e começou o primeiro refrão com as vozes de Kurt e Rachel, e esticou-se todo para passar o fio de coco pelas ramagens quase sem folhas daquele inverno.

Estava a trautear a letra com a voz de Rachel, à espera que Kurt entrasse outra vez, quando viu movimento na base da árvore e olhou para o tronco castigado. Depois, Jack ficou boquiaberto. Teve a certeza de que estava a olhar para a imagem de uma mulher belíssima. A imagem era escura e pouco nítida, mas, quando Kurt cantou sobre perder o amor que pensava ter perdido, a mulher ganhou nitidez e dimensão.

desperjada

— Nyx? — sussurrou Jack, estupefacto.

Como um véu que se levantasse, a mulher ficou logo visível. Ergueu a cabeça e sorriu para Jack, igualmente bela e maléfica.

— Sim, pequeno Jack. Podes chamar-me Nyx.

— Neferet! O que está aqui a fazer? — a pergunta saiu-lhe ainda antes de pensar.

— Na verdade, neste momento estou aqui por tua causa.

— M-minha?

— Sim, compreendes, preciso que me ajudes. Sei como gostas de ajudar o próximo. Por isso é que vim ter contigo, Jack. Não queres fazer uma coisa por mim? Posso prometer-te desde já que vai valer a pena para ti.

— Valer a pena para mim? O que quer dizer com isso? — Jack detestava que a voz lhe saísse tão fraca.

— Quero dizer que, se fizeres uma coisinha por mim, eu também farei uma coisinha por ti. Estou longe dos iniciados da Casa da Noite há demasiado tempo. Talvez já não saiba o que lhes faz acelerar o coração. Tu podias ajudar-me, orientar-me, mostrar-me. Em troca, vou recompensar-te. Pensa nos teus sonhos, no que pretendes fazer com a tua longa vida depois da Mudança. Posso fazer com que os teus sonhos sejam realidade.

Jack sorriu e abriu os braços.

— Mas eu já estou a realizar o meu sonho. Estou aqui, neste sítio lindo, com amigos que já são a minha família. O que mais se pode desejar?

O semblante de Neferet empederniu-se. A voz era como pedra.

— O que mais podes desejar? E que tal o domínio deste «sítio lindo»? A beleza não perdura. Os amigos e a família vão-se. O poder é a única coisa que dura para sempre.

Jack retrucou com o instinto.

— Não, o amor dura para sempre.

Neferet soltou um riso escarninho.

— Não sejas infantil. Estou a oferecer-te muito mais do que amor.

Jack olhou para Neferet — olhou mesmo para ela. Estava muda, e Jack soube porquê no mais fundo do seu ser. Ela aceitara o mal. Completamente, absolutamente. Ele compreendera isso antes mesmo de o saber. *Não há nada de Luz nem de mim dentro dela.* A voz dentro da cabeça de Jack era amável e terna, e deu-lhe coragem de limpar a secura que sentia na garganta e de fitar os olhos frios e cor de esmeralda de Neferet.

— Não quero ser mauzinho nem nada, Neferet, mas não quero o que me está a oferecer. Não a posso ajudar. Eu e a Neferet, bom, não estamos do mesmo lado — Jack começou a descer o escadote.

— Fica onde estás!

Ele não sabia como, mas as palavras de Neferet tolheram-lhe o corpo. Era como se ele estivesse subitamente todo ligado, paralisado numa gaiola de gelo invisível.

— Rapaz impertinente! Crês mesmo que me podes desafiar?

*Kiss me goodbye
I'm defying gravity...*

— Creio — respondeu ele quando a voz de Kurt ressoou à sua volta.

— Porque estou do lado de Nyx e não do seu. Deixe-me ir, Neferet. Não a vou ajudar.

— Aí é que te enganas, inocente incorruptível. Acabaste de provar que me vais ajudar e muito — Neferet levantou os braços, abriu os dedos das mãos e varreu o ar em seu redor.

— Tal como prometi, cá está ele.

Jack não fazia ideia de com quem Neferet estaria a falar, mas as palavras deixaram-no todo arrepiado. Sem poder reagir, viu-a sair das sombras da árvore. Parecia que ela deslizava para longe dele e rumo ao passeio que a levaria ao edifício principal da Casa da Noite. Com um alheamento muito estranho, Jack achou os movimentos dela mais reptilíneos do que humanos.

Por instantes, acreditou que ela se ia mesmo embora — achou-se a salvo. Porém, quando ela chegou ao passeio, olhou para trás para ele, abanou a cabeça, a rir-se baixinho.

— Quase que me facilitavas demasiado as coisas, rapaz, com a tua recusa honrosa da minha proposta — Neferet fez um gesto como quem atirava algo à espada. De olhos arregalados, Jack achou ver algo negro agarrar-se ao cabo. A espada virou, virou, virou, até a ponta ficar apontada diretamente a ele.

— Eis o teu sacrifício. Ele é um a quem não consegui chegar. Leva-o, e a minha dívida para com o teu Amo fica paga, mas espera que o relógio dê as doze. Retém-no até lá — sem olhar mais para Jack, Neferet deslizou para fora da vista e rumo ao edifício.

Pareceu-lhe uma eternidade até chegar a meia-noite, antes de o relógio da escola começar a dar as horas, embora Jack tivesse isolado a sua mente das grilhetas frias e invisíveis que o manietavam. Estava satisfeito por ter posto a

desperçada

canção *Defying Gravity* na reprodução automática. Era reconfortante ouvir Kurt e Rachel cantarem sobre ultrapassarem os seus medos.

Quando as badaladas começaram, Jack soube o que iria acontecer. Sabia que não o conseguiria impedir — que a sua sina não se podia alterar. Em vez de uma luta espúria, de arrependimentos de última hora, de lágrimas tolas, Jack fechou os olhos, respirou fundo e depois — jubilante — juntou-se a Rachel e Kurt no refrão:

*I'd sooner buy
Defying gravity
Kiss me goodbye
I'm defying gravity
I think I'll try
Defying gravity
And you won't bring me down!*

A voz doce de tenor de Jack ressoava nos ramos da árvore estilhaçada quando a magia suspensa e latejante de Neferet o empurrou do escadote abaixo. Jack caiu horrivelmente no espadão expectante, mas, quando a lâmina lhe fendeu o pescoço, antes que a dor e a morte e a Escuridão lhe pudessem tocar, o espírito de Jack irrompeu do corpo.

Jack abriu os olhos e deu consigo num prado espantoso ao pé de uma árvore que parecia igual à que Kalona fendera, só que estava íntegra e verdejante, e ao lado dela estava uma mulher vestida de prata cintilante. Era tão bela que Jack achou poder contemplá-la para todo o sempre.

Conheceu-a logo. Sempre a conhecera.

— Olá, Nyx — disse ele baixinho.

A Deusa sorriu.

— Olá, Jack.

— Morri, não foi?

O sorriso de Nyx não vacilou.

— Morreste, meu filho lindo, maravilhoso, inatingível.

Jack hesitou e depois disse:

— Não parece assim tão mau, estar morto.

— Verás que não é.

— Vou ter saudades do Damien.

— Voltarás a estar com ele. Há almas que se encontram uma e outra vez. Será assim com as vossas; tens a minha palavra.

— Portei-me bem lá em baixo?

P. C. CAST + KRISTIN CAST

— Foste perfeito, meu filho — em seguida Nyx, Deusa da Noite, abriu os braços e envolveu Jack e, neste amplexo, os últimos vestígios de dor e tristeza e perda desvaneceram-se do seu espírito e deixaram o amor — somente e sempre o amor. E Jack soube o que era a felicidade.

desperçada



SÉTIMO CAPÍTULO

Refaim

No momento antes de o seu pai aparecer, a consistência do ar mudou.

Ele soubera que o pai voltara do Outro Mundo assim que isso acontecera. Como poderia não saber? Estivera com Stevie Rae. Ela sentira Zoey voltar a ficar inteira assim como a percepção do seu pai lhe chegara a ele.

Stevie Rae... Passara menos de quinze dias desde que ele estivera na presença dela, falara com ela, lhe tocara, mas parecia que esse tempo juntos fora há uma eternidade.

Nem que Refaim vivesse mais um século se esqueceria do que acontecera entre eles mesmo antes de o pai voltar a este mundo. O rapaz humano na fonte era ele. Não fizera sentido em termos racionais, mas não era menos verdade. Ele tocara Stevie Rae e imaginara, por um ínfimo momento no tempo, o que poderia ter acontecido.

Ele poderia tê-la amado.

Ele poderia tê-la protegido.

Ele poderia ter escolhido a Luz e não a Escuridão.

Mas o que poderia ter acontecido não era a realidade — não podia ser.

Ele nascera do ódio e da luxúria, da dor e da Escuridão. Ele era um monstro. Não era humano. Não era imortal. Não era animal.

Monstro.

Os monstros não sonhavam. Os monstros não desejavam nada salvo sangue e destruição. Os monstros não conheciam — não podiam conhecer — o amor ou a felicidade: não tinham sido criados com essa capacidade.

Como era então possível que ele sentisse a falta dela?

Porquê aquele vazio terrível na sua alma desde que Stevie Rae se fora? Porque é que só se sentia vivo parcialmente sem ela?

E porque é que ansiava por ser melhor, mais forte, mais sábio e bom, verdadeiramente bom, por ela?

Estaria a enlouquecer?

Refaim andava de um lado para o outro na varanda do telhado da mansão Gilcrease deserta. Passava da meia-noite e o recinto estava imerso em silêncio, mas, desde que a limpeza depois da tempestade de gelo começara em rigor, o sítio estava cada vez mais apinhado durante o dia.

Vou ter de me ir embora e encontrar outro lugar. Um lugar mais seguro. Devia sair de Tulsa e fazer uma fortaleza num ermo deste país enorme. Ele sabia ser a coisa acertada a fazer, a coisa racional a fazer, mas algo o impelia a ficar.

Refaim disse de si para consigo que isso era só a esperança, agora que o pai voltara a este mundo, de o pai voltar a Tulsa, e que assim ele esperava o regresso — para ter objetivo e rumo. Porém, no âmago do seu coração, Refaim sabia a verdade. Não queria sair desse lugar porque Stevie Rae estava lá e, embora ele não se pudesse permitir entrar em contacto com ela, Stevie Rae estava perto, acessível, se ele ao menos se atrevesse.

No meio destas autorrecriações e errâncias, o ar em redor dele adensou-se, pesado com o poder imortal que Refaim conhecia tão bem como o próprio nome. Algo puxou dentro dele, como se o poder que flutuava na noite se ligasse a ele e o usasse como âncora para chegar mais perto.

Refaim preparou-se, física e mentalmente, concentrou-se na magia imortal ilusória e aceitou de bom grado a ligação, sem se importar que fosse dolorosa e o esgotasse e o assolasse numa vaga sufocante de claustrofobia.

O céu noturno acima dele escureceu. O vento aumentou, fustigou Refaim.

O Zomba-Corvos fez pé firme.

Quando o magnífico imortal alado Kalona, seu pai, Guerreiro de Nyx deposto, desceu dos céus e aterrou diante dele, Refaim automaticamente caiu de joelhos em obediência.

— Fiquei admirado ao sentir que tinhas permanecido aqui — disse Kalona sem dar autorização ao filho para se erguer.

— Porque não me seguiste até Itália?

desperçada

De cabeça ainda curvada, Refaim respondeu:

— Estive mortalmente ferido. Só agora me sinto recuperado. Considerarei sensato aguardar por ti aqui.

— Ferido? Sim, recordo-me. Um tiro e uma queda do céu. Podes erguer-te, Refaim.

— Obrigado, meu pai — Refaim levantou-se e encarou o pai, e depois ficou contente pelo facto de as emoções não se mostrarem facilmente no seu rosto. Parecia que Kalona estivera doente! A pele de bronze tinha um tom macilento. Os invulgares olhos ambarinos tinham olheiras. Até parecia mais magro.

— Encontras-te bem, meu pai?

— Claro que me encontro bem; sou imortal! — estalou o ser alado. Depois, suspirou e passou a mão pela face num gesto cansado.

— Ela reteve-me na terra. Eu já estava ferido, e ficar preso nesse elemento impossibilitou a minha recuperação antes de ser libertado — e desde então tem sido lenta.

— Então, Neferet emboscou-te mesmo — Refaim teve o cuidado de manter um tom de voz neutro.

— Deveras, mas não teria sido tão fácil prender-me se Zoey Redbird não me tivesse atacado o espírito — disse ele amargamente.

— Mas a iniciada está viva — disse Refaim.

— Está! — rugiu Kalona, a pairar sobre o filho e a levar o Zomba-Corvos a cambalear para trás. Porém, a raiva que explodira célere também amainou e deixou o imortal com aspeto cansado outra vez. Kalona exalou longamente e, numa voz mais razoável, repetiu:

— Sim, a Zoey está viva, embora eu creia que ficará para sempre mudada pela experiência no Outro Mundo — Kalona contemplou a noite. — Todos os que passam algum tempo no mundo de Nyx ficam alterados.

— Então, Nyx permitiu que entrasses no Outro Mundo? — Refaim não pôde deixar de perguntar. Preparou-se para a reprimenda do pai, mas quando Kalona falou, a voz estava surpreendentemente introspetiva, quase amável.

— Permitiu. E eu vi-a. Uma vez. Fugazmente. Foi devido à intervenção da Deusa que o maldito Stark ainda respira e anda sobre esta terra.

— Stark seguiu a Zoey até ao Outro Mundo e está vivo?

— Está vivo, mas não deveria — Kalona falou e massajou um ponto no peito, por cima do coração, com ar absorto. — Desconfio de que os abelhudos dos touros têm algo que ver com a sobrevivência dele.

— Os touros negro e branco? Escuridão e Luz? — Refaim sentiu o travo amargo do medo no fundo da garganta ao rememorar o pelo macio e feérico do touro branco, o mal infundável nos seus olhos, e a dor incandescente que a criatura lhe causara.

— O que se passa? — o olhar perspicaz de Kalona varou o filho. — Porque tens esse semblante?

— Eles materializaram-se aqui, em Tulsa, há uma semana.

— O que os trouxe cá?

Refaim hesitou, o coração começou a doer-lhe no peito. O que poderia admitir? O que poderia dizer?

— Refaim, fala!

— Foi a Rubra — a jovem Sumo-Sacerdotisa. Ela invocou a presença dos touros. Foi o touro branco a dar-lhe o conhecimento para ajudar Stark a encontrar o caminho para o Outro Mundo.

— Como sabes disso? — a voz de Kalona era como a morte.

— Assisti a parte da invocação. Estava tão ferido que nunca pensei conseguir recuperar, voar outra vez. Quando o touro branco se materializou, fortaleceu-me e atraiu-me ao seu círculo. Foi onde observei a Rubra a tirar informações dele.

— Ficaste curado, mas não capturaste a Rubra? Não a impediste de voltar à Casa da Noite e ajudar Stark?

— Não a pude impedir. O touro negro materializou-se e a Luz banuiu a Escuridão, e protegeu a Rubra — disse ele com sinceridade. — Tenho estado aqui desde então, a recobrar forças e, quando senti que voltaste a este mundo, fiquei à tua espera.

Kalona mirou o filho. Refaim encarou-o sem vacilar.

Kalona assentiu devagar.

— Foi bom que me tenhas esperado aqui. Há muito por fazer em Tulsa. Esta Casa da Noite não tarda a pertencer à Tsi Sgili.

— Neferet também voltou? O Alto Conselho não a retém?

Kalona riu-se.

— O Alto Conselho é composto por tolas ingénuas. A Tsi Sgili culpou-me pelos acontecimentos mais recentes e castigou-me mandando chicotear-me publicamente e depois banindo-me da sua companhia. O Alto Conselho ficou satisfeito.

Chocado, Refaim abanou a cabeça. O tom de voz do pai era ligeiro, quase bem-humorado, mas o semblante estava tenebroso — o corpo debilitado e ferido.

— Pai, não compreendo. Chicoteado? Permitiste que Neferet...

Com uma celeridade imortal, a mão de Kalona fechou-se sobre o

desperjada

pescoço do filho. O enorme Zomba-Corvos foi içado do chão como se não pesasse mais do que uma das suas plumas negras.

— Não faças o erro de acreditar que, como fui ferido, também fiquei fraco.

— Não o faria nunca — a voz de Refaim não mais era do que um silvo estrangulado.

As faces juntas. Os olhos ambarinos de Kalona coruscavam com uma intensidade irritada.

— Pai — ofegou Refaim. — Não quis faltar ao respeito.

Kalona largou-o, e o filho caiu a seus pés. O imortal levantou a cabeça e abriu os braços como se quisesse afrontar os céus.

— Ela ainda me prende! — berrou.

Refaim sorveu ar e massajou o pescoço, depois as palavras do pai penetraram na confusão da sua cabeça e Refaim olhou para cima. O rosto do imortal estava contorcido, como por agonia, os olhos assombrados. Refaim levantou-se devagar e acercou-se dele com cuidado.

— O que fez ela?

Os braços de Kalona caíram ao longo do corpo, mas o rosto continuou erguido para o céu.

— Jurei-lhe que destruiria Zoey Redbird. A iniciada está viva. Virolei o juramento.

Refaim sentiu o sangue enregelar-se-lhe nas veias.

— Essa violação traz um castigo.

Não era uma pergunta, mas Kalona assentiu.

— Traz.

— O que deves a Neferet?

— Ela dominará o meu espírito enquanto eu for imortal.

— Por todos os deuses e deusas, estamos ambos perdidos então!

— Refaim não pôde deixar de exclamar.

Kalona virou-se para ele e o filho viu o brilho manhoso que afastara a raiva do seu olhar.

— Neferet tem sido imortal há menos de um sopro do tempo deste mundo. Eu sou-o há milénios incontáveis. Se aprendi algo nestas várias vidas, é que nada é inviolável. Nada. Nem o coração mais forte, nem a alma mais pura — nem o mais vinculativo dos juramentos.

— Sabes como violar o domínio que ela tem sobre ti?

— Não, mas sei que, se lhe der o que ela mais deseja, ficará distraída enquanto eu descubro como acabar com o juramento que lhe fiz.

— Pai — disse Refaim, hesitante — há sempre consequências quan-

do se viola um juramento. Não incorrerás simplesmente noutras se violares esse segundo juramento?

— Não me ocorre consequência alguma que não esteja disposto a pagar para me livrar do domínio de Neferet.

A raiva fria e mortífera na voz de Kalona fez com que Refaim sentisse a garganta seca. Sabia que quando o pai ficava assim, a única coisa a fazer era concordar com ele, ajudá-lo no que ele entendesse, passar a tormenta em silêncio, sem pensar, ao lado de Kalona. Estava habituado às emoções volúveis de Kalona.

Não estava nada habituado a ficar ressentido com ele.

Refaim sentiu o olhar do imortal a observá-lo. O Zomba-Corvos pigarreou e perguntou o que lhe parecia que o pai esperava ouvir.

— O que é que Neferet mais deseja e como é que lho proporcionamos?

O semblante de Kalona desanuviou-se um pouco.

— A Tsi Sgili deseja ter poder sobre os humanos. Proporcionamos-lho ajudando-a a fazer a guerra entre vampyros e humanos. Ela quer usar a guerra como pretexto para a destruição do Alto Conselho dos Vampyros. Sem elas, a sociedade dos vampyros ficará desorientada e Neferet, com o título de Incarnação de Nyx, mandará em tudo.

— Mas os vampyros têm vindo a mostrar-se demasiado racionais, demasiado civilizados para fazerem guerra com os humanos. Creio que mais depressa se retirariam da sociedade do que entrariam em guerra.

— É verdade no que toca à maioria dos vampyros, mas estás a esquecer-te da nova raça de sedentos de sangue que a Tsi Sgili criou. Não me parece que tenham os mesmos escrúpulos.

— Os iniciados rubros — disse Refaim.

— Ah, mas nem todos são iniciados, pois não? Consta-me que já há outro rapaz passado pela Mudança. E depois, há a nova Sumo-Sacerdotisa, a Rubra. Não estou assim tão certo de que ela seja dedicada à Luz como a sua amiga Zoey.

Refaim sentiu como que um punho enorme fechar-se sobre o seu coração.

— A Rubra evocou o touro negro — a manifestação da Luz. Não creio que seja possível desviá-la do caminho da Deusa.

— Disseste que ela também conjurou o touro da Escuridão, não foi?

— Foi, mas pelo que observei, ela não chamou a Escuridão intencionalmente.

Kalona riu-se.

desperçada

— Neferet contou-me que Stevie Rae ficou assaz diferente quando ressuscitou. A Rubra deleitava-se com a Escuridão!

— E depois, Mudou, como Stark. Estão ambos comprometidos com Nyx atualmente.

— Não, Stark está comprometido com Zoey Redbird. Não creio que a Rubra tenha entrado em tal compromisso.

Refaim permaneceu prudentemente calado.

— Quanto mais penso nisso, mais me agrada a ideia. Neferet ganha poder se usarmos a Rubra, e Zoey perde alguém que lhe é próximo. Sim, agrada-me. Deveras.

Refaim tentava orientar-se no misto de pânico e medo e caos na sua mente, e conjurar uma reação que pudesse distrair Kalona da ideia fixa em Stevie Rae, quando o ar em redor deles ondulou e se alterou. Parecia que sombras dentro de sombras tremulavam fugazmente, mas em êxtase. O seu olhar inquiridor passou da Escuridão que espreitava nos cantos do telhado para o seu pai.

Kalona assentou e sorriu lugubramente.

— A Tsi Sgili pagou a sua dívida à Escuridão; sacrificou a vida de um inocente que não conseguiu macular.

O sangue de Refaim latejava-lhe nos ouvidos e, por um instante, ficou selvaticamente, incrivelmente, temeroso por Stevie Rae. Depois, apercebeu-se, *Não, não podia ser Stevie Rae a sacrificada. Stevie Rae foi maculada pela Escuridão. Por agora, desta ameaça, está ela a salvo.*

— Quem é que Neferet matou? — Refaim estava tão transtornado pelo alívio que nem pensou antes de falar.

— O que te poderá importar a ti quem a Tsi Sgili sacrificou?

A mente de Refaim concentrou-se no aqui e agora imediatamente.

— Simples curiosidade.

— Sinto uma mudança em ti, meu filho.

Refaim encarou o pai, sem o desfitar.

— Estive à beira da morte, meu pai. Foi uma experiência estarrecidora. Não esqueças de que partilho apenas um pouco da tua imortalidade. O resto de mim é humano e, por isso, mortal.

Kalona reconheceu a verdade desta afirmação com um aceno de cabeça.

— Tendo realmente a esquecer-me de que enfraqueces com a humanidade que encerras dentro de ti.

— Mortalidade, tenho pouca humanidade — disse ele amargamente. Kalona observou-o bem.

— Como lograste sobreviver aos ferimentos?

Refaim deixou de fitar o pai e respondeu com a sinceridade possível.

— Não sei bem como, nem sequer por que razão, sobrevivi — *nunca compreenderei porque Stevie Rae me salvou*, acrescentou a sua mente em silêncio. — Grande parte desse tempo permanece um borrão para mim.

— Como foi não importa. Porquê é óbvio — sobreviveste para me servir, como tens feito toda a vida.

— Sim, meu pai — disse ele ato contínuo. Depois, para disfarçar a desesperança que até ele detetava na sua voz, Refaim acrescentou:

— E já estou a servir-te se disser que nem eu nem tu podemos ficar aqui.

Kalona ergueu o sobrolho interrogativamente.

— O que dizes?

— Este sítio — Refaim fez um gesto a abarcar o recinto do Museu Gilcrease.

— Há demasiados humanos presentes desde o degelo. Não podemos ficar aqui — Refaim respirou fundo e continuou. — Talvez fosse mais sensato que eu e tu saíssemos de Tulsa por algum tempo.

— Claro que não podemos sair de Tulsa. Já te expliquei que tenho de distrair a Tsi Sgili para me poder livrar da servidão. Poderei fazer isso melhor aqui, usando a Rubra e seus iniciados. Porém, estás correto em observar que este sítio não é adequado para nós.

— Então, não nos seria mais útil deixar a cidade enquanto procuramos um local melhor?

— Porque continuas com essa insistência para partirmos daqui quando já deixei bem claro que eu e tu temos de permanecer?

Refaim respirou fundo e só disse:

— Esta cidade cansa-me.

— Então, recorre às reservas de força que tens em ti como legado do meu sangue! — ordenou Kalona, claramente irritado. — Permanecemos em Tulsa enquanto for preciso para eu alcançar o meu objetivo. Neferet já considerou onde devo ficar. Ela exige que eu fique por perto, mas sabe que não posso ser visto, pelo menos para já. — Kalona calou-se, a fazer uma careta de raiva evidente por ser assim controlado pela Tsi Sgili.

— Vamos mudar-nos, esta noite, para o edifício que Neferet adquiriu. Não tardaremos a dar caça aos iniciados rubros e à sua Sumo-Sacerdotisa — o olhar de Kalona abarcou as asas do seu filho.

— Estás capaz de voar outra vez, não é assim?

— Assim é, meu pai.

desperçada

— Então, deixemo-nos desta conversa espúria. Vamos levantar voo e começar a ascensão rumo ao nosso futuro, e à nossa liberdade.

O imortal abriu as asas enormes e saltou do telhado da Mansão Gilcrease. Refaim hesitou, tentou pensar — respirar —, compreender o que iria fazer. No canto do telhado, uma imagem tremulou e materializou-se; era o pequeno espírito da criança loura que andava a assombrá-lo desde que Refaim chegara, alquebrado e ferido.

— *Não podes deixar que o teu pai lhe faça mal, sabes disso, não sabes?*

— Pela derradeira vez, vai-te, aparição! — exclamou Refaim, abriu as asas e preparou-se para seguir o pai.

— *Tens de ajudar a Stevie Rae.*

Refaim virou-se para a aparição.

— Porque é que tenho? Eu sou um monstro — ela não pode ser nada para mim.

A criança sorriu.

— *Tarde demais, ela já significa algo para ti, e há outra razão para teres de a ajudar.*

— Porquê? — perguntou Refaim, cansado.

— *Porque não és inteiramente monstro. És parte rapaz e isso significa que um dia vais morrer. Quando morreres, só há uma coisa que levas contigo para sempre.*

— Qual coisa?

O sorriso dela era radiante.

— *O amor, tolinho! Podes levar o amor contigo. Portanto, compreendes, tens de a salvar senão vais arrepender-te para todo o sempre.*

Refaim ficou a olhar para a rapariguinha.

— Obrigado — disse baixinho antes de se elevar na escuridão.